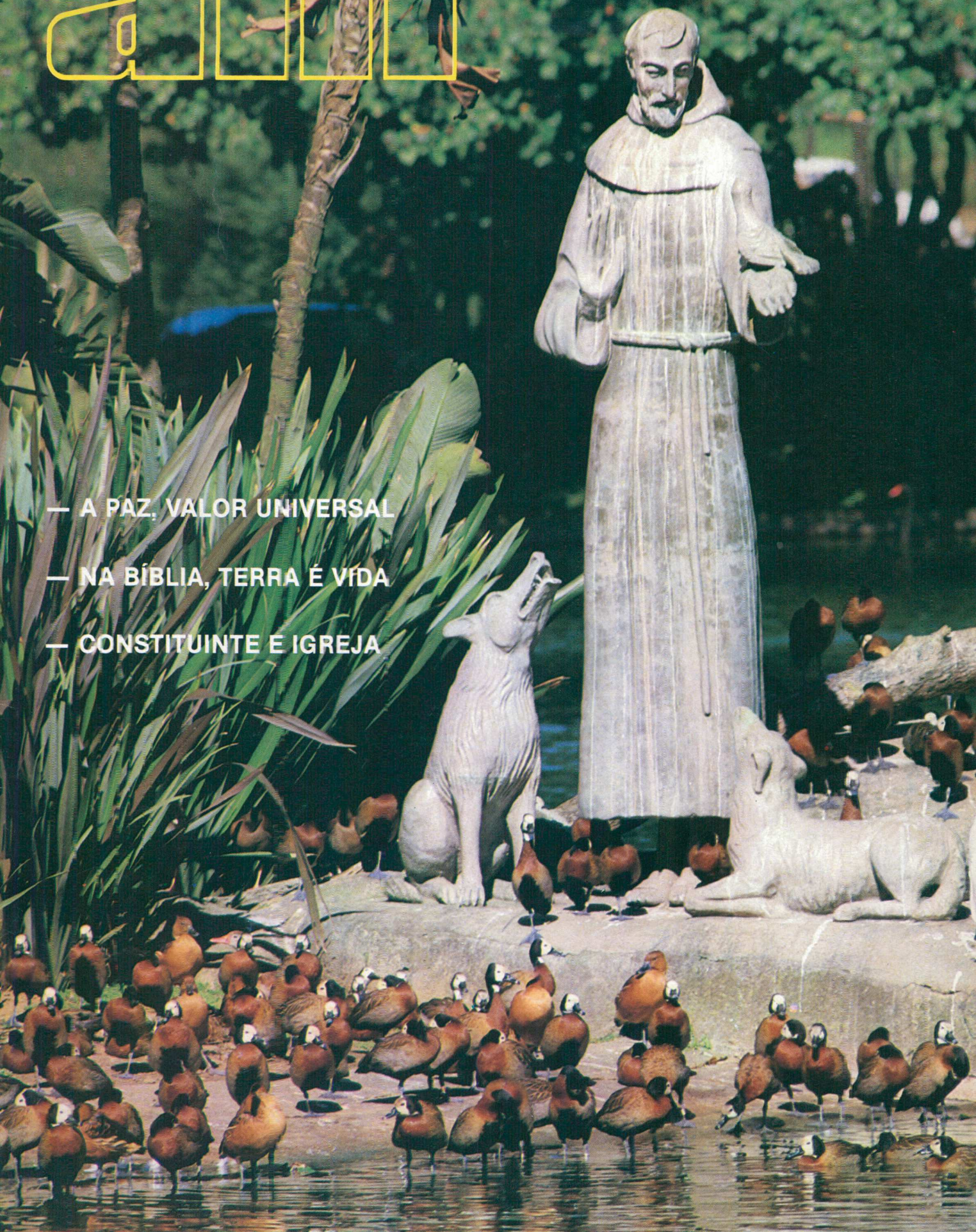


am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVIII — Nº 7
JULHO 1986 — Cz\$ 4,50

— A PAZ, VALOR UNIVERSAL
— NA BÍBLIA, TERRA É VIDA
— CONSTITUINTE E IGREJA



Para que reine a paz entre nós

J. Thomaz Filho



Ano Internacional da Paz

É mister abrir-se para a vida, tomar a paz como medida dos próprios julgamentos e decisões, porque a paz é dom de Deus e trabalho do homem.

Certamente que a paz não é passe de mágica. Não se constrói apenas com sentimentos. Nem com frases de efeito ou discursos dos políticos. Os mesmos corações que se emocionam pela paz, se atropelam em seus julgamentos categóricos, como se os acontecimentos tivessem uma única interpretação. As mesmas bocas que falam de paz, confirmam discriminações, como se o diferente fosse a perdição. As mesmas mãos que firmam decretos de paz, sobrepõem pesados tributos a povos inteiros, como se os interesses de alguns fossem os senhores das necessidades de muitos.

Cresce a violência urbana, multiplicam-se os conflitos no campo, prolonga-se e amplia-se o confronto entre nações. Mas os que vivem

da pesquisa, fabrico e comércio de armas, indivíduos, grupos ou departamentos das nações, inclusive do nosso Brasil, exultam com tão promissor ramo de negócios. A lógica do interesse e do lucro tem sempre seus argumentos: aumento de empregos, resposta a uma necessidade, promoção da defesa. Desde a espingarda aos mísseis nucleares, desde a vingança da esquina à guerra nas estrelas, desde a “defesa” pessoal ao armamentismo das nações, o coração humano sucumbe às mesmas justificativas: segurança, equilíbrio de forças, prevenção.

São horas, ó homem, de transformar teu coração de míssil em coração de gente. De empenhar-se decididamente e sem tréguas na implantação de justiça para todos, neste mundo que não

é só de algurs. De subverter esses modos de produção que sufocam a tantos e esses modos de distribuição que cumulam tão poucos. De te negares a compactuar com tamanhas aberrações, porque a guerra não nasce das armas, mas do coração dos homens que se armam. De desafiáres a estupidez dos césores de todos os tempos e queres a paz decidindo-te por juntar forças para e iminar toda injustiça e opressão da face da terra, em vez de te entrincheirares no preparo da guerra. São horas! Não é fácil o caminho da paz, porque não é decisão que dependa de fora, mas compromisso a ser tomado de dentro do próprio coração. E um coração que se decidiu pela paz, nem se arma nem se cala. Pode sofrer as conseqüências de sua decisão, mas não deixa cair a bandeira da verdade. Paz! É mister abrir-se para a vida, tomá-la como medida dos próprios julgamentos e decisões, porque a paz é dom de Deus e trabalho do homem.

SUMÁRIO

- 4 • A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • PAZ**
As armas da paz cristã: oração e amor fraterno.
- 9 • A PAZ, VALOR UNIVERSAL**
A paz sempre foi e sempre será o ideal dos homens cordatos e inteligentes.
- 12 • NA BÍBLIA, TERRA É VIDA**
Uma personagem de importância fundamental na Bíblia: a Terra.
- 13 • A MEDIDA DO TER NUNCA DIZ BASTA**
A ganância existe na imperfeição dos seres finitos.
- 15 • O SACRAMENTO DO AMOR DE CRISTO ESPOSO**
Todos querem ser felizes.
- 19 • A TEOLOGIA LATINO-AMERICANA (6ª parte)**
Subsídios para reflexões e estudos sobre a teologia.
- 24 • CONSTITUINTE E IGREJA**
Brasil, país de maioria cristã e católica, deverá respeitar em sua Constituição os princípios cristãos.
- 27 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Veja o que ele fez comigo.
- 29 • UM NOVO E IMPORTANTÍSSIMO LIVRO PARA OS QUE VIVEM COM ALCOÓLATRAS**
- 31 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
- 34 • O CONSELHO**
Aconselhar, não é a mesma coisa do que simplesmente dar conselhos.

FOTO DA CAPA:
Francisco Sacramento

EDITORIAL

Construir a paz

A-história humana mostra que nem sempre a humanidade viveu em paz. As histórias de guerras e conflitos ocupam mais páginas nos livros do que as histórias de paz.

Mesmo assim é preciso acreditar na paz e fazer algo para que ela predomine. O desafio é feito a toda humanidade, mas particularmente aos governantes. A eles devem ser cobradas as decisões que favorecem a paz e a concórdia.

Hoje a humanidade conseguiu montar mecanismos mortíferos tão grandes que, se forem acionados, será o fim de tudo. O potencial destrutivo armazenado é mil vezes maior do que o que foi apresentado há pouco tempo nas telas de cinema e TV. É triste saber que em nome da paz, armas nucleares são fabricadas ininterrupta e inescrupulosamente pelos "grandes", quando deveria ser o contrário, deveriam urgentemente ser desmontadas.

Além disso em várias partes do mundo as ações terroristas, os conflitos racistas e ideológicos, os egoísmos, as ganâncias comprometem a paz e as vítimas são numerosas e freqüentes.

Ninguém em sã consciência pode rejeitar, ou seja, nenhum ser inteligente rejeita a boa ordem, a harmonia, a tranqüilidade, o sossego, a serenidade, o entendimento, a concórdia. Os que rejeitam este estado de coisas são dementes e demoníacos, mesmo se ocupam postos de governantes ou são autoridades.

Neste ano a paz é tema mundial. Em todo o mundo pessoas, associações, nações e também a Igreja Católica debaterão o tema. Procurarão encontrar fórmulas e formas para que a paz se implante cada vez mais nos relacionamentos humanos.

Neste número a Revista AVE MARIA dá destaque ao tema da paz. O pensamento do Papa sobre a Paz serve para os cristãos como reflexão e orientação no sentido de colocar a humanidade cada vez mais distante de uma catástrofe mundial e também no sentido de colocar a humanidade cada vez mais próxima da fraternidade. Todos somos instrumentos de Deus na construção da paz.

Além da primeira parte do discurso de João Paulo II, "A paz, valor universal", que é rico em conteúdo para a consciência pacífica, o leitor encontra também neste número: "Para que reine a paz entre nós" e "Paz".

Não raro a decadência da paz tem seu início na ganância e no egoísmo. A avidez no ter gera a angústia e atropela a paz. Leia "A medida do ter nunca diz basta".

Também na pequena sociedade familiar a paz, no seu sentido mais amplo, é fruto do sacramento matrimonial assumido maduramente. Leia "O sacramento do amor de Cristo esposo".

A capa deste número é uma homenagem a São Francisco, o santo cujo hino à paz tem revelado o verdadeiro comportamento do homem pacífico através de sua profunda comunhão com Deus, com os irmãos e com a natureza. Na fé, com São Francisco, também podemos dizer: "Senhor, fazei-nos instrumentos de vossa paz"...

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.L., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São

Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. □ Composição, Frotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. - A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso C\$ 4,50 - Ass. Anual C\$ 45,00 - Ass. de Benfeitor C\$ 65,00.

Diretor de Redação: Cláudio Gregorian.

Colaboram neste número: José Geraldo Vidigal de Carvalho, Alfredo J. Gonçalves, Geraldo Barboza de Carvalho, José Cristo Rey Garcia Paredes, Segundo Galilea, J.S., Maria do Carmo Fontenelle, Donald Lazo, Antonio Aparecido Onde, Mauro Martins Amatuzzi.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Antonio Bonci.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida.

Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, José Montresor.

Publicidade: Cláudio Gregorian.

Editor Responsável: Cláudio Gregorian.

O tema da CF-86 foi oportuno

Brasília (CIC) — A CNBB, avaliando a Campanha da Fraternidade de 1986, reconheceu como muito oportuno o tema: "Terra de Deus, terra de irmãos". A questão da terra vista sob um aspecto cristão contribuiu para conscientizar os cristãos da necessidade da Reforma Agrária. Os subsídios tiveram uma apreciação muito positiva. O cartaz e a música, entretanto, não foram convicentes; também a distribuição do material não saiu a contento. A Campanha da Fraternidade de 1987 terá como tema o menor.

Dom Mauro fala sobre terra e constituinte

São Paulo (CIC) — Em entrevista ao Jornal "O São Paulo" Dom Mauro, bispo de Duque de Caxias e São João do Meriti, na Baixada Fluminense, afirmou que a "idéia da Nova República não é fazer uma Constituição para o povo brasileiro e sim para o Estado Brasileiro. Quem faz essa Constituição são os parceiros do Estado e não o povo e essa farsa tem que ser anunciada e denunciada". Quanto à questão da terra Dom Mauro a percebe vinculada a todos os problemas do Brasil e afirma que "não vê possibilidade de democracia e nem estabilidade social sem reforma agrária". Dom Mauro falou ainda da farsa dos atuais planos de reforma agrária. Ao mesmo tempo que o Bispo de Duque de Caxias mostra a terra como problema número 1 do Brasil, compreende que "o País nunca será uma democracia enquanto não tiver uma nova ordem econômica".

Mineradores exploram terra indígena

Manaus (CIC) — Existem na Amazônia 302 áreas indígenas, 77 das quais estão sen-

do invadidas e exploradas por empresas mineradoras. O Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM) já concedeu 537 alvarás de pesquisa. Além de 1.732 outros pedidos já encaminhados para invadir novas terras indígenas. Esses dados constam do dossiê "Empresas de Mineração e Terras Indígenas na Amazônia", preparado pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi) e pela Coordenação Nacional dos Geólogos (Conage) e encaminhados aos ministros do Interior Ronaldo Costa Couto, e das Minas e Energia Aureliano Chaves, por representantes da União das Nações Indígenas (UNI) e outras entidades ligadas aos indígenas.

Papa condena apartheid



Cidade do Vaticano (CIC) — Falando a 30 mil fiéis reunidos na Praça de São Pedro, no dia 15 de junho, o papa João Paulo II condenou o apartheid e pediu o fim da discriminação e da violência, na África do Sul. O Papa, lembrando o levante de Soweto, disse que o sistema de separação racial é desumano e inadmissível, e pediu que todos os fiéis católicos se unam em preces pela paz e a justiça na África do Sul.

Bairros operários cercados no Chile

Santiago (CIC) — Cerca de 2 mil e 600 pessoas foram detidas pela polícia e exército chilenos, há poucos dias, durante um cerco aos bairros operários de Santa Julia e Villa O'Higgins, Santiago, em busca de "subversivos e delinquentes". A operação durou mais de seis horas e os policiais e militares retiraram de casa todos os homens adultos, levando-os para um estádio esportivo onde foram interrogados um por um. Dos 2 mil 594 detidos, 78 continuaram presos e serão processados por crimes não especificados oficialmente. Em buscas semelhantes realizadas em abril e maio, 15 mil pessoas foram detidas em 33 bairros pobres da capital e outras cidades chilenas.

Mortes na comemoração do levante de Soweto

Johanesburgo (CIC) — No dia 16 de junho, dia do décimo aniversário do levante de Soweto, tendo a ocorrência de distúrbios, o Governo sul-africano determinou o cerco de todas as áreas habitadas pelas comunidades negras e proibiu a aproximação de jornalistas. Com isso, mais oito negros morreram em Johanesburgo, em incidente divulgado sem detalhe pelas autoridades. Sobes para 31 o número de mortes causadas pela violência racista desde a decretação do estado de emergência no dia 12 de junho. Os sindicatos e grupos de oposição haviam convocado uma greve geral e centenas de milhares de trabalhadores ficaram em suas casas. Segundo o Governo, a paralisação chegou a 90% em certas regiões. O bispo Desmond Tutu, durante uma cerimônia religiosa "pela paz e justiça", condenou as medidas de emergência do Governo e afirmou que "toda violência que existe na África do Sul deve-se, em última instância, ao apartheid".

Conseqüências de um conflito atômico

Londres (CIC) — Segundo relatório do grupo ecologista Barthschan, de Londres, uma guerra nuclear provocaria, de imediato, a morte de pelo menos 700 milhões de pessoas, e outros 2 bilhões morreriam nos 3 anos seguintes, nos países do Terceiro Mundo, por falta de alimentos e privações de toda ordem. Um conflito atômico provocaria variações climáticas capazes de destruir grande parte das colheitas de todo planeta.

Filme brasileiro premiado pela OCIC

Bonn (CIC) — No 32.º Festival Alemão Ocidental de Cinema de Curta-Metragem o documentário "Frei Tito", de 17 minutos, produzido pela atriz brasileira Marlene França recebeu o principal prêmio da OCIC (Organização Católica Internacional de Cinema). O filme trata das últimas obras póstumas do religioso dominicano vítima das torturas durante a ditadura militar brasileira no início dos anos 70. O prêmio ao filme brasileiro foi assim justificado: "apresenta a vida de um religioso dominicano que foi empurrado para a morte pela polícia militar brasileira durante o seu exílio na Europa. O primeiro filme dirigido pela atriz Marlene França torna possível ao auditório participar da esperança do povo brasileiro, de que os mártires do nosso tempo não serão esquecidos".

Procissão do Silêncio

Assunção (CIC) — Em fins de maio cerca de 2 mil padres e freiras, além de leigos católicos, marcharam pelas ruas centrais de Assunção, Paraguai, numa Procissão do Silêncio, um protesto contra a perseguição do regime de Alfredo Stroessner a bispos paraguaios e uma denúncia das injustiças sociais do país.

Sul-africanos comemoram o levante de Soweto

Johanesburgo (CIC) — O bispo anglicano Desmond Tutu e os grupos de oposição ao apartheid prometeram, no dia 5 de maio, desrespeitar a ordem do governo sul-africano que proibiu manifestações — inclusive celebrações religiosas — em comemoração aos 10 anos do levante negro do gueto de Soweto, no dia 16 de junho. Segundo Tutu, a ordem “é uma provocação e mais uma desculpa” para justificar a violência policial contra os negros. O bispo, baseado na afirmação de que a África do Sul respeita a liberdade religiosa, dará instruções ao seu clero para organizar celebrações no dia 16, das quais ele deseja não estar ausente.

Serviço paz e justiça na América Latina

Rio de Janeiro (CIC) — O SERPAJ — AL (Serviço Paz e Justiça da América Latina) insiste na necessidade de manter comunicação sobre o trabalho que vem sendo feito em toda a América Latina em prol dos Direitos Humanos. Com essa finalidade, o SERPAJ publica seu boletim “Carta Informativa”, trazendo notícias de todos os países da América Latina, mostrando as diversas atividades na luta contra a opressão. O SERPAJ pede a colaboração de pessoas e entidades, para que enviem informações das atividades e acontecimentos nos países da América Latina. A correspondência poderá ser encaminhada para: Servicio Paz y Justicia — Rua México, 119 s/2009 — 20017 Rio de Janeiro, RJ.

Entidades apóiam homem no campo

Brasília (CIC) — Estiveram reunidos no último dia 22 de maio, em Brasília, os membros das presidências da Confederação dos Trabalhadores Agrícolas (Contag), Associa-

ção Brasileira de Reforma Agrária (Abra) e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para analisar a situação do homem do campo, os conflitos e os atos de violência que vêm sendo cometidos por todo o Brasil. Concluíram pela necessidade de denunciar a ação organizada dos que resistem à reforma agrária e apoiar as medidas justas tomadas em favor do desenvolvimento. Reafirmaram também seu repúdio à violência sob falsa alegação de defesa da propriedade.

5º Encontro Nacional sobre ensino religioso

Brasília (CIC) — Realizou-se, em Brasília, de 29 de maio a 2 de junho o 5º Encontro Nacional sobre Ensino Religioso. Participaram 58 Coordenadores Estaduais de Ensino Religioso, entre os quais bispos, sacerdotes, e religiosos. Foi promovido pelos setores de Catequese e Educação da CNBB e Associação de Educação Católica do Brasil (AEC/BR). Além da reflexão sobre política educacional em vista da constituinte e nova constituição foi analisado o Ensino Religioso na História do Brasil, nas Constituições Brasileiras, nas Legislações de Ensino e no documento da CNBB “Por uma nova Ordem Constitucional”. Os coordenadores de ensino religioso concluíram pela necessidade de uma educação humanizante e libertadora; autonomia da escola, ensino religioso obrigatório nas escolas oficiais, conclamando todos a nos unirmos para construir uma nova sociedade.

Terras indígenas

Xingu (CIC) — Dom Erwin Klautler, bispo do Xingu, Pará, e presidente do CIMI, Conselho Indigenista Missionário, denunciou que grupos interessados nas terras indígenas tentam jogar a opinião pública nacional contra os índios.

Reforma Agrária morosa

Chapecó (CIC) — O presidente da Comissão Pastoral da Terra, dom José Gomes, chama a atenção para a morosidade com que os órgãos governamentais vêm tratando a questão da reforma agrária, quando temos cerca de 10 milhões de famílias sem terra no Brasil.

Dia Nacional Constituinte

Rio de Janeiro (CIC) — O plenário Pró-Participação Popular na Constituinte, tomou a decisão de declarar o dia 7 de setembro de 1986 o “1º Dia Nacional Constituinte”. Neste dia todos os grupos e movimentos que têm discutido a Nova Constituição deverão se reunir em Assembleias Constituintes municipais, ou por bairros nas grandes cidades, para discutir as suas propostas. O conjunto das propostas apresentadas nessas assembleias será reunido num documento único: “As propostas para o Brasil”.

Pacto de Varsóvia propõe corte de tropas

Budapeste (CIC) — O Pacto de Varsóvia encerrou no dia 11 de junho uma reunião de dois dias, em Budapeste, com a divulgação de um documento em que propõe aos países europeus, aos Estados Unidos e ao Canadá diminuir gradualmente em um milhão de homens, até o início da próxima década, o número de soldados estacionados na Europa. A proposta específica que os cortes devem compreender forças táticas terrestres e aéreas, com todas as armas nucleares táticas (balas de canhão, minas e foguetes de curto alcance) com alcance até mil quilômetros. O Pacto propõe ainda o estabelecimento de um *forum* especial com os países europeus, Estados Unidos e Canadá, fora das conversações de armas con-

vencionais de Viena, que só discutem reduções na Europa Central, enquanto que a proposta do Pacto compreende do Atlântico aos Urais.

Seqüestro de religiosas

Maputo (CIC) — Em março passado, foram seqüestradas as Irmãs Alma e Piedade, religiosas combonianas que trabalham na região de Nam-pula, Moçambique. Tanto seu Instituto Missionário como a Cruz Vermelha Internacional desenvolvem intensos esforços para encontrá-las, sem no entanto conseguir resultados. Julga-se que o seqüestro das religiosas foi perpetrado pelo movimento guerrilheiro RE. NA.MO que atuava na região.

Violência em Alagoas

Maceió (CIC) — O Arcebispo de Maceió, dom Edvaldo Amaral, alerta para o quadro de violência no interior de Alagoas. Dom Edvaldo pede o fim da estocagem de terras improdutivas e propõe a criação da justiça agrária.

Pastoral das CEBs

São Leopoldo (CIC) — O Centro de Evangelização e Catequese de São Leopoldo, RS, oferece cursos e subsídios para a pastoral das Comunidades Eclesiais de Base. Informações: CECA Cx. Postal 324 — 93001 São Leopoldo, RS.

Aviso aos assinantes

Em breve o representante da Revista AVE MARIA estará visitando as seguintes cidades paulistas: Louveira, Vinhedo, Valinhos. Também nosso representante José Jerônimo de Farias visitará as seguintes localidades: Taubaté, Tremembé, Campos do Jordão, Pindamonhangaba, Aparecida do Norte, Guaratinguetá, Lorena, Cachoeira Paulista, Cunha, Cruzeiro, e Queluz.

CONSULTÓRIO POPULAR

- Aquil respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Equipe Consultório Popular — Cx. Postal 153 — CEP 80.000 Curitiba - PR

2.004

CRUZ DE CARAVACA

Qual a origem e validade de uso certo ou errado da cruz da CARAVACA?

(I. G. A. — Cláudio, MG)

— Segundo a tradição, encontravam-se prisioneiros do rei Moro Ceyt-Abuceyt, em Caravaca (Espanha), vários cristãos de distintas condições sociais. Um dia o rei os chamou para saber o que faziam antes de serem presos. Ao ser perguntado, o Pe. Ginés Perez Chisimos, respondeu que sua santa condição era de converter o pão no corpo de Cristo. O rei mostrando-se interessado em conhecer e presenciar uma missa, ordenou que preparassem os objetos para a celebração.

Ao iniciar a missa, o sacerdote notou que faltava a cruz. Então ocorreu um milagre, aparecendo uma cruz, vista pelo rei Moro e seus súditos. Ante tal fato ele e seus súditos converteram-se ao cristianismo. Tomando o nome de Vicente. Tal fato ocorreu no dia 3 de maio de 1232.

A veneranda relíquia se guarda ainda hoje numa caixa de ouro no Santuário da Santíssima Cruz em Caravaca, onde ocorreu tal milagre, por isto que ficou conhecida como Cruz de Caravaca. Esta relíquia possui dois anjinhos na sua base.

Desde que seja usada como uma veneração da santa Cruz de Jesus Cristo, lembrança da paixão e morte de nosso Salvador e sinal do Cristão, não há nada de superstição ou coisa errada. Somente que no Brasil ela passou a ser usada como sinal de algumas seitas espíritas, o que nada impede que um cristão convicto a use de modo correto.

(Cf. *Espasa, Barcelona, vol. 11*)

(Luiz C. Botteon, cmf)

2.005

PADRE CÍCERO

Se pessoas como Jair Pereira são condenadas, por que outras, como padre Cícero são admitidas pela

Igreja, se não é santo da Igreja, mandava em cangaceiros, não será oportunismo da Igreja? Usar o nome do Pe. Cícero, vendo-o mais venerado que o próprio Cristo pelos nordestinos? Será as curas de Pe. Cícero curandeirismo? Ou esse nome é usado apenas para os não integrantes da Igreja Católica?

(A. E. C. — Bambuí, MG)

Não podemos afirmar que estes, são condenados, no verdadeiro sentido da Palavra. Mas sim que não são membros efetivos da Igreja Católica, porque não estão em comunhão com ela, com toda a Tradição e que interpretam a Bíblia de modo particular. A respeito do Pe. Cícero, a Igreja não o tem como santo. E nunca tencionou colocar no lugar de Cristo um daqueles que por Ele chegaram à Glória dos altares. As curas que acontecem que podem ser de ordem física, espiritual, e na sua maioria psíquicas, não são feitas pelo poder exclusivo do santo, mas é Deus que Cura a pessoa que se dirige a Ele através de seus servos. Aqui no caso, podemos dizer que é o próprio Deus, quem realiza na sua infinita bondade, as curas.

(Luiz C. Botteon, cmf)

2.006

CONDUTA DO EVANGELIZADOR

Se São Paulo lutava contra todos, contra as leis de Roma, contra a maioria, se ele divulgava Cristo, ensinava o Evangelho, curava os doentes, sem defender nenhuma religião, sem obedecer aos poderosos, e às crenças pagãs do tempo. Se é assim a condição de S. Paulo no seu tempo, como padres como Jair Pereira, são proibidos de divulgar o

evangelho e curar os doentes? Quais as leis que ele desrespeitou? Onde está o direito exclusivo da Igreja Católica de ensinar o evangelho e fazer coletas?

(A. E. C. — Bambuí, MG)

Recorrendo aos escritos paulinos, veremos que Paulo nunca era contra aquilo que era bom. Mas sim contra as distorções que se faziam da Lei (Rom 7,1-25). Deste modo ele agia de acordo com todas as leis justas e procurava torná-las melhores ainda. E mais, Paulo estava em perfeita comunhão com os apóstolos, isto vemos em At 15,1-31, e de modo especial em Gl 2,1-14 e chegava a incentivar a obediência às autoridades (cf. Hb 13,17).

Em Gl 2,1-14, vemos Paulo que vai “ao encontro dos que eram de maior consideração a fim de não correr ou de não ter corrido em vão”, reconhecendo assim a autoridade daqueles que eram “as colunas” da Igreja. Nos versículos 11 a 14 vemos o apóstolo repreender Pedro, que se esquivava dos pagãos convertidos. “Esse incidente deixa claro duas coisas: Que a conduta de Pedro colocava em condições de inferioridade os cristãos vindos do paganismo. A importância decisiva que para S. Paulo tinha a pessoa e a conduta de Pedro.

A partir destas atitudes de Paulo, notamos que existiam na Igreja “as colunas”, que receberam de Cristo a autoridade-serviço e que sem estar em comunhão com elas, poderia se “correr em vão”. Assim, só se prega realmente o genuíno evangelho se se está em comunhão com a Igreja. Pois foi a ela, através dos Apóstolos, que Cristo enviou para pregar o evangelho.

A respeito das coletas, Paulo as vê como uma ajuda aos santos, como uma irradiação do amor de Deus que está em nós, aos irmãos pobres. Os evangelhos, dizem, “que o trabalhador é digno de seu salário” (I Cor 12,27-30).

(Luiz C. Botteon, cmf)



Ano Internacional da Paz

PAZ

José Geraldo Vidigal de Carvalho

“A vontade cristã de paz tem suas armas: a oração constante ao Pai Celeste, Pai de todos nós; o amor fraterno entre todos os homens e todos os povos, porque todos são filhos do mesmo Pai que está nos céus; o amor que com a paciência procura manter-se sempre pronto e disposto a entender-se e pôr-se de acordo com todos” (Pio XII).

Se penetrarmos o sentido do kerygma bíblico da palavra paz — *shalôm* — percebemos que ela é a consequência da perfeita e total imersão em Deus. Mackenzie ensina: “Paz é comunhão com Deus, e o próprio Jesus é a nossa paz neste sentido, visto que ele é o vínculo da comunhão” (Ef 2,14); “vivemos em paz com Deus graças a Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rom 5,1). “Ela é também um estado de tranquilidade interior e de relações harmoniosas com a

comunidade cristã, componentes da vocação cristã para a paz” (Rom 14,17; I Cor 7,7,15). Cursos de renovação de otimismo anunciados nos jornais e revistas de todas as partes do mundo falam em auto-realização, prosperidade, serenidade emocional, alegria de viver. Prometem tornar seus clientes aptos a desenvolver suas habilidades e posturas. Trata-se de conquistar fé em si mesmo e agilidade mental, de desenvolver o poder de concentração, de aprender a desfrutar a vida.

Ora, a tudo isto se pode chegar sem mecanismos humanos ou técnicas sofisticadas. Quem está em amizade com Deus goza eutímia. Cumpre apenas firmar com Ele a aliança de paz, preconizada pela Bíblia. Diz o salmista: “O Senhor dará fortaleza ao seu povo, o Senhor abençoará o seu povo, dando-lhe a paz” (Sl 28,11). Em Isaías lemos o que Javé diz: “Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, a minha misericórdia não apartará de ti e a aliança de minha paz não se mudará, diz o Senhor, compadecido de ti” (54,10). Em Ezequiel encontra-se esta passagem, referente ao Messias, o bom pastor enviado para encher de ventura as ovelhas que salvará: “E farei com elas uma aliança de paz e exterminarei do país os animais ferozes; e os que habitam no deserto dormirão seguros no meio dos bosques” (34,25). Portanto, Deus generoso propõe um pacto que supõe a adesão do homem. Esta faz surgir a inebriante serenidade, pois assim está criado o espaço para a paz. Biser sintetiza neste pensamento

o que ocorre então: "E quem encontra a Paz está em Deus e Deus está nele". É que a paz é energia divina que vivifica o ser racional.

Eis porque quem vive bem com Deus prospera material e espiritualmente. O equilíbrio interior que resulta do contato sereno com a divindade favorece a saúde corporal, torna perspicaz a inteligência, robustece a vontade, clarifica as atitudes, tonifica o ser em sua totalidade psicossomática. Disto advém o bom relacionamento com outros. As agressões outra coisa não são que transferência malévola de carências íntimas que se manifestam sob mil maneiras desde a impolidez até o extremo do assassinato. A cortesia só é possível para aqueles que possuem o "self control" que lhes é comunicado pela paz interior. Esta, por outra, leva à ação serena, a qual tolhe a pressa, a correria, a azáfama, índices do desnorreamento que reina lá no fundo do coração irrequieto e angustiado. A perturbação da consciência, irreversivelmente, aflora e gera a desordem exterior.

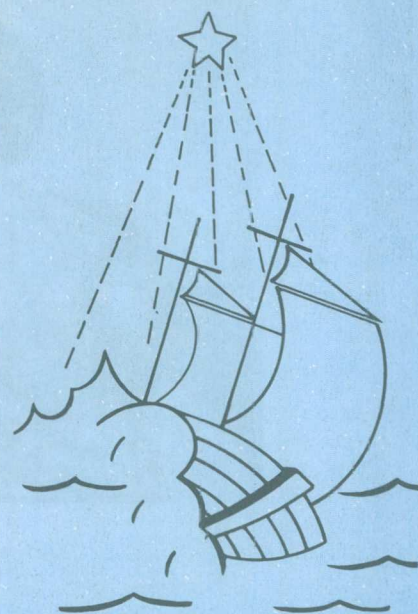
Cristo é a nossa paz (Ef. 2,14) e é pela união com Ele que o cristão se torna partícipe da mesma (I Pe 5,14; Fil. 4,7). A cosmovisão criatural é prerrogativa dos que vão a Ele buscar dádiva tão preciosa a qual leva à ordem que aperfeiçoa. É mister querer viver este dom durante todo o ano e comunicá-lo aos outros. Tal a diretriz de São Paulo: "Sigamos as coisas que contribuem para a paz, e observemos o que contribui para a edificação mútua" (Rom 14,19). Na Carta aos Hebreus lemos: "Buscai a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá a Deus; atendendo a que ninguém falte à graça de Deus, a que nenhuma raiz de amargura, brotando para fora sirva de amargura" (17,14).

No processo soteriológico, abrigar a paz é receber concomitantemente a redenção, uma vez que Cristo é o Príncipe da Paz (Is 9,6). Não se trata, pois, de uma atitude passiva, pois ela deve informar radicalmente o "modus essendi" e "operandi" do cristão a irradiá-la então por toda a parte. É o que ensina São Gregório de Nissa: "Ao refletirmos que Cristo é a paz, mostraremos qual o verdadeiro nome do cristão, se pela paz que está em nós expressarmos Cristo por nossa vida". Donde ser bem-aventurado o que pratica a paz (Mt 5,9). Eis a missão do discípulo de Cristo: estabelecer o reinado da harmonia e da concórdia. Como lembra o apóstolo Tiago, "o fruto da justiça semeia-se na paz pelos que praticam a paz" (3,18; Is 32,17). Apenas assim se dará o que pelo profeta Isaías Deus anunciou: "Farei a paz correr (sobre Jerusalém) como um rio e como uma torrente transbordante a glória das nações" (66,12).

Há para o batizado um motivo a mais para viver cordialmente com os irmãos, pois todos somos corpóreos em Cristo, que é o vínculo da unidade por ser Ele simultaneamente Deus e homem.

Pio XII ensinou que "a vontade cristã de paz tem suas armas: a oração constante ao Pai celeste, Pai de todos nós; o amor fraterno entre todos os homens e todos os povos, porque todos são filhos do mesmo Pai que está nos céus; o amor que com a paciência procura manter-se sempre pronto e disposto a entender-se e pôr-se de acordo com todos".

Eis porque no decorrer deste ano se devem erguer preces ardentes pela paz universal e desejar a todos esta dileção fraterna que une e debela todas as discórdias.



JOVEM

*no barco das Irmãs
da Congregação
"Stella Maris"
tem um lugar
para VOCÊ!*

*Na travessia do mar da vida
agitada e insidiosa...*

*OS TEUS IRMÃOS mais
necessitados:*

- os doentes...
- as crianças carentes...
- os idosos em abandono...

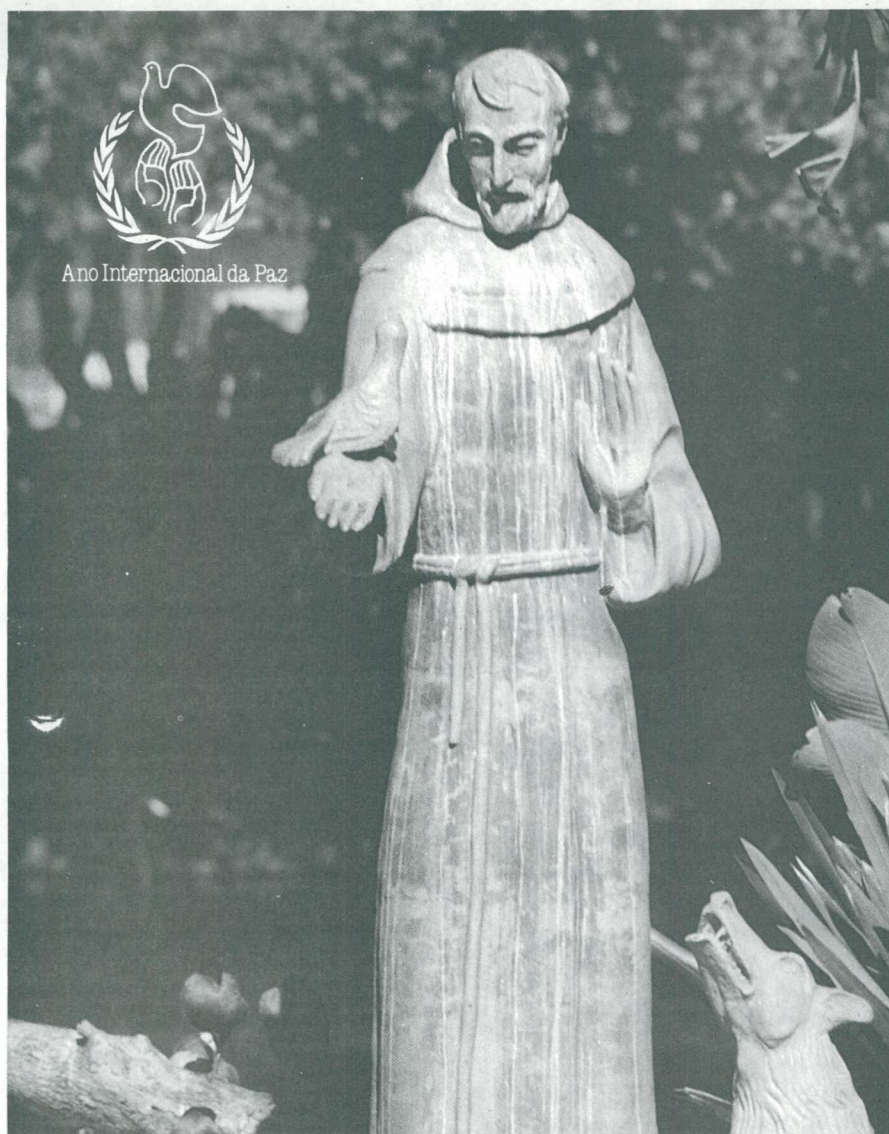
PRECISAM de...

**teu entusiasmo juvenil
calor humano
generosidade sem limite.
NÃO DEIXE DE
CONCRETIZAR E UNIR,
ao SIM de MARIA
o teu... SIM!**

Escrevam para:
Congregação Stella Maris
Rua Stella Maris, 235
Tel.: 209-6522
Caixa Postal 199
Itapegica
07000 - Guarulhos, SP



Ano Internacional da Paz



A paz, valor universal

A paz sempre foi, e sempre será o ideal dos homens cordatos e inteligentes.

Neste ano a paz é tema mundial. Pessoas, associações, nações não só debaterão o tema mas procurarão encontrar fórmulas e formas para que a paz se implante cada vez mais nos relacionamentos humanos.

Para os cristãos o pensamento do Papa sobre a Paz é importante, pois orienta-nos no sentido de afastar-nos cada vez mais de uma catástrofe mundial e também no sentido de aproximarmo-nos fraternalmente cada vez mais do semelhante.

Retomamos a mensagem de João Paulo II sobre a Paz divulgada no início do ano para uma melhor conscientização e maior atuação em favor da paz.

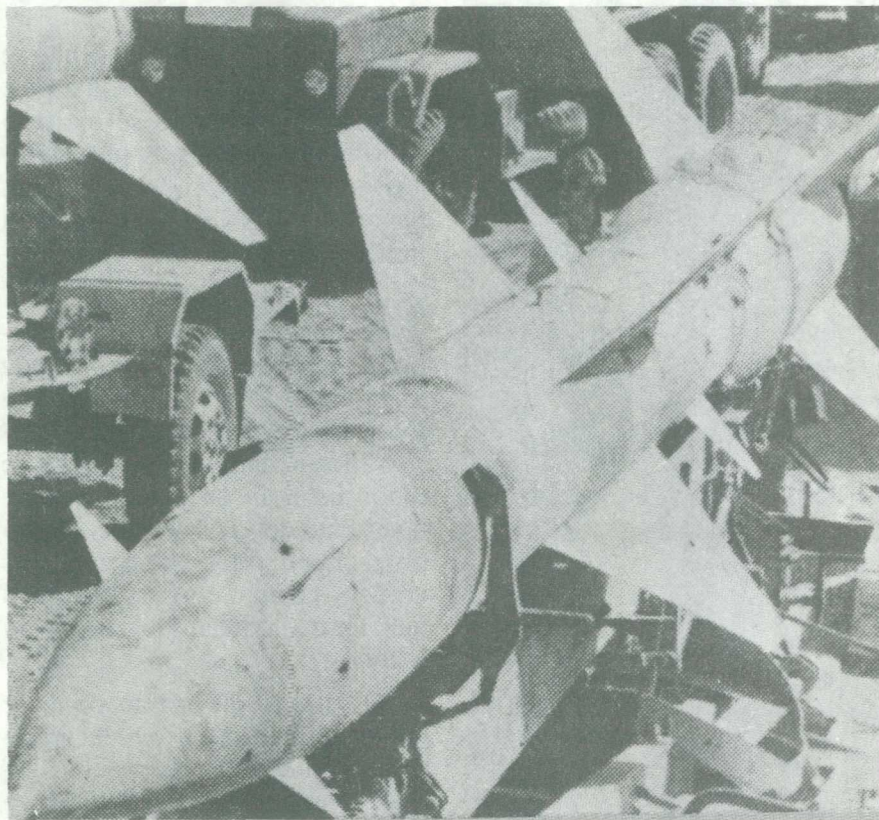
1. A paz, valor universal

A paz é um valor de uma importância tal, que deve ser repetidamente proclamada e promovida por todos. Não existe nenhum ser humano que não seja beneficiado com a paz. Não há nenhum coração humano que não se sinta aliviado quando reina a paz. As Nações do mundo só poderão realizar plenamente os seus destinos, intimamente ligados entre si, quando todas elas procurarem juntamente a paz como valor universal.

A paz é um valor sem fronteiras. É um valor que corresponde às esperanças e às aspirações de todos os Povos e de todas as Nações, dos jovens e dos anciãos e de todos os homens e mulheres de boa vontade. É isto que desejo proclamar a todos e a cada um dos homens e, de modo especial, aos que têm a missão de chefes do mundo.

O assunto da paz como valor universal precisa de ser encarado com grande honestidade intelectual, com lealdade de espírito e com vivo sentido de responsabilidade em relação a si próprio e em relação a todos os Povos da terra. Eu desejaria aqui pedir aos responsáveis pelas decisões políticas que afectam as relações entre Norte e Sul, entre Leste e Oeste, que se convencessem de que pode existir unicamente UMA SÓ PAZ. Aqueles que orientam o futuro deste mundo, sejam quais forem a sua filosofia política, o seu sistema económico ou as suas convicções religiosas, estão todos chamados a contribuir para a edificação de uma paz única, fundada sobre as bases da justiça social e da dignidade e dos direitos de cada pessoa humana.

Esta tarefa exige uma abertura total em relação à humanidade inteira, com a convicção de que todas as Nações da terra estão ligadas umas com as outras. Estes vínculos mútuos expressam-se numa inter-



dependência que pode demonstrar-se profundamente vantajosa ou profundamente destrutiva. Daqui o fato de a solidariedade e a cooperação a nível mundial constituírem imperativos éticos que fazem apelo às consciências dos indivíduos e ao sentido de responsabilidade de todas as Nações.

2. As ameaças à paz

Ao pôr em realce esta concepção da paz, nós estamos profundamente cômicos de que a paz é também, na presente situação, um valor que se assenta em alicerces muito frágeis. À primeira vista, o nosso intuito de fazer da paz um imperativo absoluto pode parecer utópico, dado que o nosso mundo apresenta uma tão ampla indicição de *excessivo interesse egoísta*, no contexto de grupos po-

líticos, ideológicos e econômicos contrapostos entre si. Enredados pelos laços destes sistemas, os chefes e os diversos grupos sentem-se impelidos a buscar a realização dos seus objetivos particulares e das suas ambições de poder, de progresso e de riqueza, sem ter em consideração suficientemente as necessidades e os deveres que implicam a solidariedade e cooperação internacionais, em prol do bem comum de todos os Povos que compõem a família humana.

Em semelhante conjuntura, surgiram e mantêm-se *blocos*, que dividem e opõem entre si os povos, os grupos e os indivíduos, tornando precária a paz e levantando sérios obstáculos ao desenvolvimento. As posições endurecem-se e o desejo excessivo de manter as próprias vantagens ou

de aumentar a própria quota-parte de influência tornam-se, muitas vezes, a razão efetiva que prevalece para a atuação. Isto leva à exploração dos outros, ao mesmo tempo que se desenvolve a espiral no sentido de uma polarização que se alimenta dos frutos do interesse egoísta e de uma desconfiança crescente em relação aos outros. Numa situação assim, *os que mais sofrem são os pequenos e os fracos, os pobres e os sem-voz*. Isto pode suceder, diretamente, quando um povo, pobre e relativamente indefeso, cai e é mantido subjogado pela força do poder. Pode suceder também, indiretamente, quando se usa o poder econômico para privar alguém daquilo que legitimamente lhe pertence e mantê-lo em sujeição social e econômica, que gera mal-estar e violência. Os exemplos disto, infelizmente, são muito numerosos nos nossos dias.

A este propósito, o exemplo mais dramático e insofismável continua a ser *o espectro das armas nucleares*, que tem a sua origem precisamente na oposição entre Leste e Oeste. As armas nucleares são de tal maneira potentes na sua capacidade destruidora e as estratégias nucleares são tão amplas e extensas nos seus planos, que a imaginação popular fica muitas vezes paralisada pelo medo. O único caminho para se atenuar este temor justificado, em relação às consequências de uma destruição nuclear, consiste em *manter abertas as negociações* para a redução das armas nucleares e para acordos recíprocos sobre as medidas que diminuam a probabilidade de uma guerra nuclear. Desejaria pedir, uma vez mais, às potências nucleares que reflitam sobre a sua grave responsabilidade moral e política neste campo. É uma obrigação que alguns já assumiram, mesmo juridicamente, em acordos internacionais; e para todos constitui uma obrigação que dimana de uma *corresponsabilidade básica pela paz e pelo desenvolvimento*.

Entretanto, a ameaça das armas nucleares não é a única causa a fazer com que o conflito se torne permanente e ameaçador. *A crescente venda e compra de armas* — convencionais, mas muito sofisticadas — está a ter resultados horríveis. Com efeito, se as maiores potências têm conseguido evitar conflitos diretos, as rivalidades entre elas fazem-se sentir, muitas vezes, noutras partes do mundo. Questões locais e divergências regionais foram agravadas e prolongadas, mediante o fornecimento de armamentos pelos Países mais ricos e mediante a ideologização de conflitos locais por parte das potências que buscam vantagens numa determinada região, explorando a condição dos pobres e dos indefesos.

O conflito armado não é a única forma de obrigar os pobres a suportar uma parte injusta dos fardos do mundo atual. Os Países em vias de desenvolvimento têm de enfrentar colossais desafios, mesmo quando estão preservados de semelhante flagelo. Nos seus múltiplos aspectos, o *subdesenvolvimento continua a ser uma ameaça, que vai sempre crescendo, para a paz mundial.*

Com efeito, entre os Países que formam o “Bloco Norte” e os que constituem o “Bloco Sul” existe *um abismo social e económico* a separar os ricos dos pobres. As estatísticas dos últimos anos apresentam sinais de melhoria nalguns poucos Países; mas evidenciam também a amplificação das distâncias em muitos outros. a isto há que acrescentar a *imprevisível e flutuante situação financeira*, com o seu impacto direto em Países que têm grandes dívidas e que lutam para chegar a um desenvolvimento positivo.

Nestas condições, a paz como valor universal está em sério perigo. Ainda que não haja conflito armado como tal, de fato, onde há *injustiças* existe realmente uma

causa e um fator potencial de conflito. Em todo o caso, uma situação de paz, no pleno sentido do valor da expressão não pode coexistir com a injustiça. A paz não pode ser reduzida à mera ausência de conflitos; ela é a tranquilidade e a plenitude da ordem. A paz perde-se por causa da exploração social e económica da parte de determinados grupos de interesses, que operam a nível internacional ou desempenham o papel de elites no interior dos Países em vias de desenvolvimento; perde-se, quando *o uso da violência* produz os frutos amargos do ódio e da divisão; perde-se, por causa das divisões sociais que instigam à confrontação entre ricos e pobres, entre os Estados ou no interior dos Estados; perde-se, quando a exploração económica ou as tensões internas nas estruturas sociais deixam o povo sem defesa e desiludido, tornando-o presa fácil das forças destruidoras da violência. Como valor, a paz acha-se continuamente em perigo, devido a interesses consolidados e a interpretações divergentes e opostas da mesma; ela pode chegar mesmo a ser manipulada ao serviço de ideologias e sistemas políticos, que têm como último objetivo a dominação.

3. Para superar a situação atual

Há quem pretenda que a situação presente é natural e inevitável. As relações entre os indivíduos e entre os Estados — diz-se — são caracterizadas por um conflito permanente. Esta visão doutrinal e política traduz-se num modelo de sociedade e num sistema de relações internacionais, que são dominados pela competição e pelo antagonismo, em que prevalece o mais forte. A paz que nasce de tal perspectiva só pode ser um “arranjo”, uma situação de compromisso sugerida pelo princípio da *Realpolitik*; e, como tal não visa tanto resolver as tensões mediante

a justiça e a equidade, quanto *gerir as diferenças e os conflitos*, de forma a manter uma espécie de equilíbrio que preserve tudo o que sirva os interesses da parte dominante. É óbvio que a “paz”, construída e mantida sobre injustiças sociais e sobre conflitos ideológicos, jamais poderá tornar-se uma paz verdadeira para o mundo. Semelhante “paz” não poderá afrontar nunca as causas de fundo das tensões mundiais nem dar ao mundo *uma visão e os valores* que possam compor as divisões representadas pelos polos Norte-Sul e Leste-Oeste.

Àqueles que pensam que os blocos são algo inevitável, nós respondemos que é possível e até mesmo necessário implantar *novos modelos de sociedade e de relações internacionais*, que garantam a justiça e a paz assentes em fundamentos estáveis e universais. De fato, um *são realismo* leva a pensar que tais modelos não podem ser simplesmente impostos de cima ou de fora, nem realizados unicamente com métodos e técnicas. A razão disto é porque as raízes mais profundas das oposições e das tensões que mutilam a paz e comprometem o desenvolvimento devem ser buscadas no coração do homem. São sobretudo os corações e os comportamentos das pessoas que devem ser modificados. E isto exige uma renovação, *uma conversão dos indivíduos.*

Se estudarmos a evolução da sociedade nos últimos anos, poderemos verificar não só as feridas profundas, mas também os sinais de uma determinação, por parte de muitos dos nossos contemporâneos e de numerosos Povos, de quererem superar os obstáculos atuais, a fim de fazerem com que apareça um novo sistema internacional. Este é o *caminho pelo qual a humanidade deve enveredar*, se quiser entrar numa era de paz universal e de desenvolvimento integral”.

(Continua)

NA BÍBLIA TERRA É VIDA (1ª parte)

Pe. Alfredo J. Gonçalves

Não é correto, evidentemente, efetuar transposições mecânicas e arbitrarias com os textos bíblicos. Tampouco devemos tomá-los ao pé da letra, sem levar em conta o contexto histórico em que foram redigidos. Podemos, contudo, perceber, nas entrelinhas de cada texto, um sentido “revelado/oculto”. Em outros termos, pode-se detectar, por trás das palavras a Palavra.

Além de patriarcas, profetas, juizes, etc., a Bíblia apresenta uma outra personagem de importância fundamental: A Terra. Esta não só percorre muitas das suas páginas, mas torna-se, em determinadas ocasiões, o tema central que vai estabelecendo entre os chamados “Livros Sagrados” uma espécie de fio condutor, o

qual concretiza a Aliança de Deus com o seu povo.

GÊNESIS 1,1-31 AMÓS 9,11-15

Na metáfora da criação, Deus “planta” o homem na terra, como se faz com uma árvore. Ela se torna a raiz sem a qual o homem não vive. Dela Deus cria o primeiro ser humano, para gravar-lhe na memória que é filho natural da terra e que esta é sua mãe. A terra é a raiz do homem. Progressiva e violentamente expropriado dela, grande parte do povo brasileiro caminha a passos largos para a morte. Uma morte cujos sintomas ninguém mais consegue esconder sem se tornar cúmplice desse genocídio crescente. O livro de Amós, em seu último



“Eu os plantarei em sua terra e não serão mais arrancados da terra que eu lhes dei, disse Deus”

(AMÓS 9,15)

versículo, diz o seguinte: “Eu os plantarei em sua terra e não mais serão arrancados da terra que lhes dei, disse Javé, teu Deus”.

LEVÍTICO 25,23-24 NÚMEROS 33,50ss

A terra é um dom de Deus com o qual não é lícito negociar. Ao referir-se ao resgate das propriedades, diz expressamente o autor do Levítico: “A terra não será vendida perpetuamente, pois que a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e residentes temporários. Para toda a propriedade que possuídes, estabelecereis o direito de resgate para a terra”.

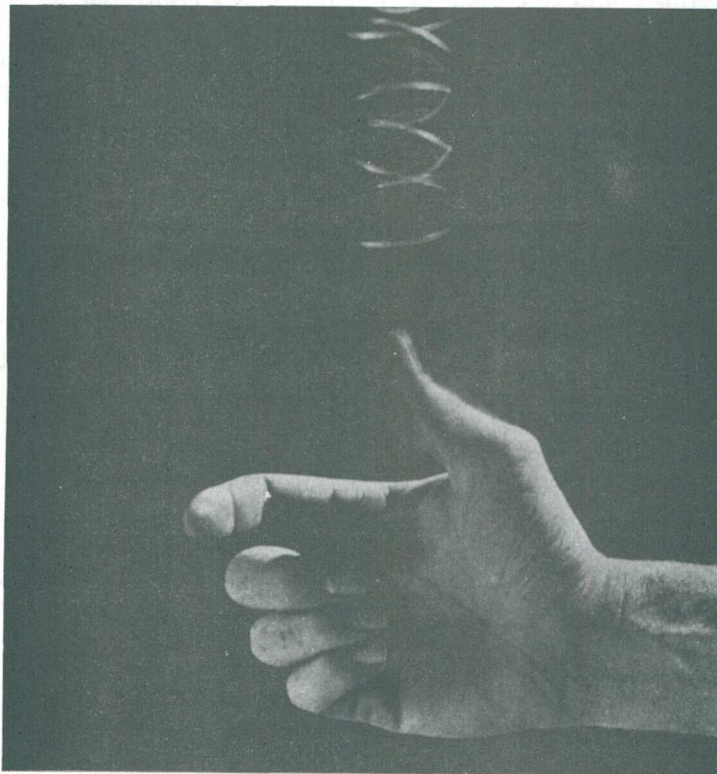
A terra deve estar a serviço das necessidades do povo. É isso o que nos mostra o livro dos Números: “Vocês tomarão posse da terra e a habitarão, porque eu dou esta terra para vocês. Vocês a repartirão entre suas famílias por sorte: aos que forem mais numerosos, uma porção maior; e uma menor aos que forem menos”. O que dá direito à terra não é o título e o dinheiro, mas a necessidade e o trabalho.

DEUTERONÔMIO 26,5-9

A promessa feita a Abraão inclui duas coisas inseparáveis: descendência numerosa e terra. Não se concebe uma sem outra, isto é, sem terra o povo não pode crescer e se tornar uma nação forte. A experiência de escravidão no Egito será a maior prova disso. Igualmente na Babilônia, os estrangeiros sobre a terra tornam-se escravos, privados dos direitos e da vida. É indispensável possuir efetivamente a terra para crescer como povo. O futuro concreto está vinculado ao usufruto real da terra. Somente assim a promessa de “leite e mel”, feita por Javé, pode se transformar em fartura e felicidade.

"A medida do ter nunca diz basta"

Geraldo Barboza de Carvalho



A ganância nasce da consciência da incompletude e imperfeição dos seres finitos.

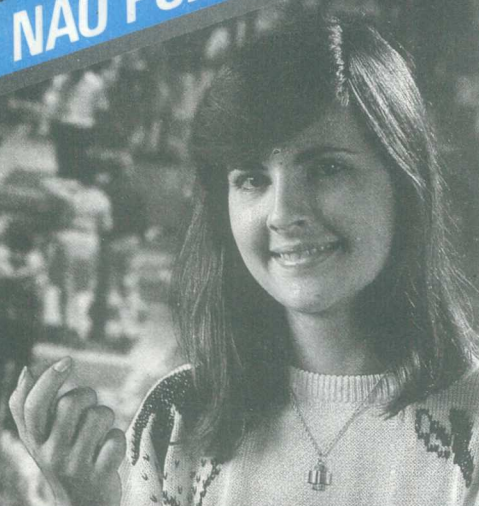
As sabedorias dos povos são guardadas e transmitidas através dos adágios, provérbios populares. Não há povo, por mais primitivo que seja, que não tenha sua sabedoria e seus provérbios exprimindo-a. Sabedoria que não é fruto de estudos teóricos, de especulações filosóficas buscadas nos páramos do intelecto apolineamente distante da realidade, mas nascida da vivência diária de acontecimentos, carregados de alegrias e tristezas, de certezas e contradições, de esperança e de desesperos, de amor e de ódio; sabedoria nascida

do contacto direto com o livro sempre instrutivo da Natureza, da Mãe-Natureza.

A sabedoria dos povos representa normas de conduta, roteiros de comportamento, padrões de julgamento de valores pessoais ou sociais. O que faz que esses adágios sejam um manancial de afirmações carregadas de conteúdos axiológicos, o mais das vezes éticos ou religiosos.

"A paciência é a melhor prece", (provérbio chinês). "Enquanto os cães ladram a caravana passa" (provérbio árabe). "Por falta de um grito se perde uma boiada" (provérbio sertanejo). "Quem semeia ventos, colhe tempestades". Ou "Quem tem rabo de palha, não chega perto do fogo" ou "Devagar, que tenho pressa". Etc. Toda uma filosofia brasileira pode ser feita a partir dos ditos populares de origem ibero-latina ou nascidos aqui mesmo. Cada provérbio desses encerra uma riqueza de pensamento incomensurável. Simplesmente porque, em sua linguagem simbólica, escondem um amálgama de significados que podem ser desdobrados e esclarecidos num pensamento mais explícito. Como numa sinfonia clássica em que o tema de origem popular é desdobrado em movimentos musicais de rara beleza. Numa prova de que é do povo que sai tudo de grande que uma nação produz. O povo é a reserva das

O EVANGELHO NÃO PODE PARAR



VENHA SER UMA IRMÃ PAULINA

Jovem, você também pode construir a paz!

Diga sim a Deus.

Milhares de jovens como você já descobriram a alegria deste SIM, vivendo por seu povo e dando a vida por ele.

Venha ser uma Irmã Paulina.

Nós colocamos livros, discos, rádio, TV, mensagens e toda forma de comunicação humana a serviço do Evangelho.

A Igreja precisa de pessoas que consagrem sua vida a Deus e ao povo.



CENTROS VOCACIONAIS

- Rua Ó de Almeida, 545 - CEP 66020 - BELÉM (PA) - Fone: (091) 222-2437
- Rua José Carvalheira, 259 - CEP 52051 - RECIFE (PE) - Fone: (081) 268-3985
- Rua Dr. Bormann, 33 - CEP 24020 - NITERÓI (RJ) - Fone: (021) 717-7231
- Rua Botucatu, 171 - CEP 04023 - SÃO PAULO (SP) - Fone: (011) 549-6799
- Rua Mateus Leme, 1.961 - CEP 80530 - CURITIBA (PR) - Fone: (041) 252-2058
- Rua Cel. Aparício Borges, 1.123 - CEP 90630 - PORTO ALEGRE (RS) - Fone: (0512) 36-3209
- Pça. Napoleão M. da Silva, 469 - CEP 87013 - MARINGÁ (PR) - Fone: (0442) 22-2213

grandezas de uma nação. E a distinção entre erudito e popular esconde um preconceito pequeno burguês decadente do ponto de vista cultural. Quando num país o popular não é valorizado, esse país vai mal.

“A medida do ter nunca diz basta”. Este provérbio estabelece a fronteira entre o existir participativo e sócio-comunitário e o existir concentracionista individualizante e segregador. Aquele que pauta sua conduta pelo ter, pelo possuir, unicamente, e pelos usufrutos que ele proporciona, está sempre à cata de mais e mais, movido pelo medo, pela angústia de perder aquelas riquezas e as usufruições a elas inerentes. A angústia dos ricos está ligada ao medo de ficarem pobres. E sua proverbial avareza traduz bem esse medo: acham que dando algo do que lhes pertence, vão caminhando para o empobrecimento irremediável. Por isso, estão sempre buscando mais, sua medida nunca está cheia.

Analisando mais a fundo, observamos que a ganância nasce da consciência da incompletude e imperfeição dos seres finitos, de sua incapacidade de nos dar uma satisfação plena de nossos anseios de justa felicidade. A um ser finito, a uma realidade finita sempre posso acrescentar outra realidade finita, sem limite, e nunca alcanço a perfeição total. Jamais alcançarei o ser infinito e completo, único capaz de me dar satisfação plena, pela simples soma de seres finitos e completáveis “ad infinitum”. Pois, numa soma sempre posso crescer mais um, numa prova às avessas de que o finito não nos pode satisfazer plenamente.

Mas, como o que se pode acrescentar, se pode também retirar, à angústia de ter junta-se a de não mais ter, a angústia de

perder na ilusão de que tendo muitos bens terá alcançado a almejada felicidade e a segurança a ela inerente. A ilusão de ter sempre mais encerra no seu bojo o desejo de plenitude que o infinito pode dar. É este desejo de completude plena que faz a medida do ter mais nunca estar cheia.

Em contrapartida, aquele que tem consciência de que nem tudo na vida se resume à ordem do ter, mas é contrabalançado pela ordem do ser e do existir participativo, não se angustia tanto com o ter sempre mais. Pois sua felicidade não se resume no ter, mas principalmente, naquilo por que é possuído. Pois, o segredo da felicidade, da plenitude do ser é deixar-se possuir, positivamente, por algo mais que nós mesmos. Algo como um ideal humanitário, científico, religioso, etc.

De modo que nosso desejo não está no possuir mais bens, mas nos deixar guiar pela força do ideal e realizar aquilo que ele nos propõe. Não se trata de angariar bens para nos servirem, mas nos colocar a serviço do ideal que nos possui.

Essas duas atitudes são incompatíveis, aqueles que as adotam não se compreendem. Aquele que é dominado pela ética do ter não compreende ao desapego daquele que é conduzido pela ética do existir sócio-comunitário e participativo. A História humana é pontilhada por esses dois tipos de atitudes.

As marchas e contra marchas da História são as marchas e contra-marchas dos que querem dividir as pessoas, e dos que querem uni-las; dos que pleiteiam um existir individualizante, dos que defendem um existir-sócio-comunitário e participativo.

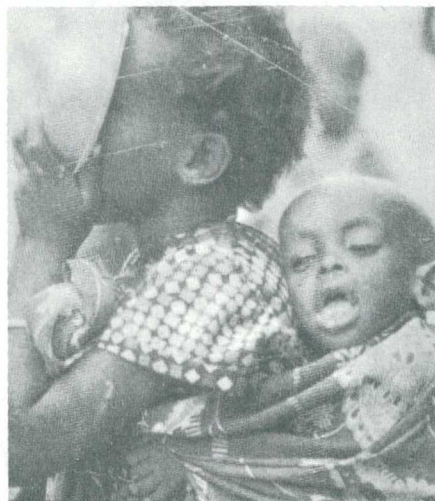
O sacramento do amor de Cristo esposo

José Cristo Rey Garcia Paredes

Se compreendêssemos com exatidão esta idéia, não haveria crianças mortas de fome e sede, nem adolescentes que procuram aprender o amor fora de seus lares, nem olhadas de neurótica busca duma felicidade impossível.

Todos querem ser felizes

A busca quase neurótica da felicidade inquieta os homens já desde sua infância. Cada vez com mais freqüência se observa no rosto da mocidade um desejo indefinido e nunca satisfeito; e nos adolescentes uma ânsia ferrenha de amizade, de companhia... de felicidade. Este fato faz pensar que não se trata unicamente de um estágio ou duma reação natural da evolução do homem, mas que condensa um fundo comovente e trágico. Os menos experientes sentem sua vida como a de alguém-lançado-no-mundo: simplesmente lançado na incógnita de uma existência fria, calculada, maquinalmente rotineira. E este fato tão palpável, tão inexplicável para muitos pais e mães, está clamorosamente denunciando a destruição da família, a perda do



amor pelo lar, a frieza com que pais e mães acolhem seus filhos quando mais necessitados se acham de amor... inclusive quando devem aprender a amar, no exato momento em que se depara sua única oportunidade. Há os que confundem o amor com o instinto paternal ou maternal e a educação dos filhos com uma atitude de plasmá-los "à própria imagem e semelhança". Esquecem-se, porém, de que há distância, frio... egoísmo.

Maridos, amai vossas mulheres como Cristo amou sua Igreja

O sacramento do matrimônio acaba culposamente ignorado em todo o seu valor, quando se reduz ao rito, em muitas ocasiões, meramente social, do casamento. Este rito deve ser a expressão de toda uma existência

cheia de aventuras vivida por um homem e uma mulher que se amam em Deus e que por este mesmo fato *sacramentalizam* toda a sua vida futura. Isto vale dizer que eles próprios acabam se convertendo *num sinal surpreendente* da presença de Jesus no mundo. Sua família é um reflexo vivo e eficaz da Igreja, constitui uma autêntica Igreja doméstica. O amor total (corporal e espiritual) do marido por sua esposa é a presença do amor de Cristo por sua Igreja: “Maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela para santificá-la... para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa” (Ef 5,25-27). Perenizar este amor divino na família se chama fidelidade; esquecê-lo ou destruí-lo se chama, na linguagem cristã, “divórcio”: se os corações não estão unidos, a presença material dos corpos revela apenas uma falsidade. Se o marido e a mulher se acham afetivamente distanciados, este divórcio espiritual cria uma atmosfera contaminada no seio da família, pois os filhos respiram e aliam-se a este ambiente e fazem esta grave situação culminar num divórcio comum. Às vezes me tenho perguntado se é possível uma fidelidade pura no seio da família. Alguém já disse: “A meia-noite é também meio-dia; a dor é também gozo; a maldição é bênção; a noite é também um sol; caminhai ou aprendereis que o sábio é também um louco... Já dissestes sim, alguma vez, a uma alegria? Neste caso, dissestes sim a toda dor”.

Viver a partir da esperança

Deste modo a vida matrimonial é também um paradoxo



entrelaçado de fidelidade e divórcio, alegria e tristeza, amor e ódio. A vida cristã no matrimônio é também algo paradoxal, pois nela está presente a Graça e a Des-graça; nela se revela a própria existência da Igreja, que algum Santo Padre denominou a "Casta Prostituta", de vez que não conseguiu ser perfeitamente fiel a seu Esposo Cristo. Então, que fazer? Conformer-se com esta situação ambígua? Seria ilusório e presunçoso pensar que uma família possa superar integralmente esta situação crítica, na qual ela mesma, como parte da Igreja universal, há de encontrar-se. A família cristã tem que viver, como a Igreja, "a partir da esperança". Isto não significa que injetemos em nossa vida familiar um vão desejo de que os problemas encontrarão uma solução quase miraculosa no futuro, ou uma passiva resignação porque "Deus assim

quer". A esperança cristã é esperança, porque já se possui em grande medida o que se espera; porque o esperado já é conquista *segura*. O matrimônio, que vive com base na esperança, reconhece suas debilidades, a dialética de sua vida de luz e sombras, mas ao mesmo tempo tem a certeza de que possui, desde o dia de seu casamento, a presença de Cristo que garante o futuro, que abre uma porta para todos os becos sem saída e assegura o amor e a fidelidade, colocando-o num maravilhoso horizonte. Foi isto que quis expressar aquele matrimônio que, depois de oferecer a Deus seus dez filhos, propôs como lema de suas bodas de prata a frase do Antigo Testamento: Somente tua direita nos sustenta! (cfr. Sl 63,9).

O fogo de minha lareira

As famílias que vivem baseadas neste realismo são autênticas lareiras,

ou *fogueiras* avivadas por um fogo que não se consome. Nossa fé no sacramento do matrimônio — como presença permanente de Cristo e de seu Espírito na vida de duas pessoas que, amando-se, criam uma família — nos dá testemunho de que Cristo e seu Espírito são o fogo desta lareira. O matrimônio é uma realidade que, como dizia São Paulo, deve ser experimentada "no Senhor". Se compreendêssemos com exatidão esta idéia, não haveria crianças mortas de fome e sede, nem adolescentes que procuram aprender o amor fora de seus lares, nem olhadas de neurótica busca duma felicidade impossível... nem tantas críticas à "Humanae Vitae". Porque tudo isto significa simplesmente: "Tu és como o fogo de minha lareira".

(José Cristo Rey Garcia Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da Revista "Vida Religiosa" em Madri).

Opinião dos leitores

A cada dois meses a Revista AVE MARIA publica artigos, cujas cópias são antecipadamente enviadas a alguns assinantes representativos da Revista. As respostas às questões sobre o tema do artigo serão computadas, bem como um resumo dos comentários e opiniões. Os leitores que só agora estão lendo o artigo e, contudo, também desejarem opinar sobre o mesmo, devem escrever para a REDAÇÃO, e suas opiniões serão publicadas no próximo número da Revista. Os interessados em receber os artigos antecipadamente também podem escrever-nos, solicitando cópias.

Os leitores que receberam antecipadamente o artigo: "O sacramento do amor de Cristo esposo" assim se expressaram diante das 9 questões:

QUESTÕES

1. Você é feliz?
SIM 80% NÃO 15% INDIFERENTE 5%
2. Os pais que querem que os filhos sejam iguais a eles estão certos?
SIM 35% NÃO 60% INDIFERENTE 5%
3. Os casamentos celebrados hoje, em sua maioria, são simplesmente um ato social?
SIM 75% NÃO 25% INDIFERENTE 0%
4. Você percebe na celebração dos casamentos "a expressão de toda uma existência cheia de aventuras por um homem e uma mulher que se amam em Deus e que por este mesmo fato sacramentalizam toda a sua vida futura"?
SIM 55% NÃO 40% INDIFERENTE 5%

5. Você sabia ou já sentiu que "sua família é um reflexo vivo e eficaz da Igreja, e que constitui uma Igreja doméstica"?

SIM 95% NÃO 5% INDIFERENTE 0%

6. Você percebe no "amor total (corporal e espiritual) do marido por sua esposa a presença do amor de Cristo por sua Igreja"?

SIM 90% NÃO 0% INDIFERENTE 10%

7. Quando os esposos não se entendem, mesmo depois de muito tempo de vivência conjugal, o divórcio é a solução?

SIM 20% NÃO 75% INDIFERENTE 5%

8. Nos dias conturbados e frenéticos de hoje, é possível a fidelidade conjugal?

SIM 90% NÃO 10% INDIFERENTE 0%

9. Você concorda que a vida matrimonial é um paradoxo entrelaçado de alegria e tristeza, amor e sentimento?

SIM 100% NÃO 0% INDIFERENTE 0%

As respostas foram dadas por:

55% mulheres

45% homens

0% grupos

Comentários

Não está havendo uma preparação necessária para os jovens que estão decidindo assumir a vida conjugal. Fatores que faltam: fé na Igreja, planejamento familiar, perseverança, instruções médicas etc.

*Maurício José de Faria (operário)
Pará de Minas, MG*

Eu me sinto uma pessoa feliz porque meu casamento já dura 20 anos, e tenho 6 filhos razoavelmente bem encaminhados na vida social e religiosa. Já tive problemas conjugais, e com a ajuda de Deus consegui superá-los. Amo minha esposa e meus filhos e quando sou incompreendido por eles, Cristo é a minha solução, daí a minha felicidade.

*João Benedito Alves (mecânico)
Taubaté, SP*

Os pais que querem que os filhos sejam iguais a eles estão errados porque ninguém é igual a ninguém. Cada indivíduo tem um caráter, uma personalidade. Lógico, ele apresenta características herdadas dos pais, mas o ambiente em que ele vive ou seja, o seu dia a dia, profis-

são, estudos fá-lo agir de forma diferente de seus pais. Embora eles procurem acompanhar o dia a dia, as oportunidades para nós hoje são maiores.

Muitos casamentos por mim assistidos tanto o rapaz, como a moça se pudessem voltar atrás, voltariam. Apesar de vivermos em 1986 muitos casam por conveniência ou por acidente. Quantos dizem: estou cansado desta vida, quem sabe a outra é melhor, se não der certo a gente separa. Mas, mesmo com este pensamento juram viverem unidos para sempre.

*Joaquim Maurilio Cintra
Brasópolis, MG*

Nos dias de hoje, com boa preparação, ainda há os casamentos responsáveis.

Se os casais se amarem desinteressadamente, tendo fé, confiança, e souberem se perdoar mutuamente, colocando Deus acima de tudo, o divórcio não seria necessário. Se a primeira vez não der certo quem garante que as outras vezes dará?

Nos dias de hoje é possível a fidelidade conjugal desde que haja muito amor entre ambos, cada um procurando fazer o outro feliz e tendo "Cristo em meio".

*Gertrudes Carolina Nascimento (doméstica)
Sorocaba, SP*

Com toda a sinceridade, eu acho que ser feliz é impossível pois as discordâncias acabam por vencer e daí a NÃO felicidade tão almejada.

Como podemos exigir que nossos filhos sejam iguais se estamos cansados de ver os erros acontecendo?

Ainda podemos realmente dizer de alguns casamentos que podemos chamar "casamento".

Não acredito em fidelidade com tantos meios pornográficos, pois em todo lugar vemos insinuações, que não nos permitem pensar em fidelidade.

*Helena Clarete Biffi Coletti (costureira)
Americana, SP*

Se os pais forem pessoas boas, honestas, que dão testemunho de sua fé, eu não acho que seja errado que um pai, ou os pais queiram que o seu filho seja igual a eles. Só uma questão que eu discordo: é no campo profissional; eu acho que os filhos devem escolher a profissão que lhes agrade.

*Eliana Paccini (auxiliar de contabilidade)
Taubaté, SP*

Eu acho que deveria ter mais explicações sobre pecado nas igrejas e comunidades porque a maioria das pessoas acham muito natural certas coisas que são pecados, como: adultério, sexo antes do casamento, etc.

*Maria de Lourdes Pasquotto (embaladora)
Americana, SP*

Se as pessoas se casam por amor, então devem procurar se reconciliar; se não der, aí deve haver o divórcio.

*Ilka Nessi (do lar)
Santa Maria, RS*

A TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

(6ª parte)

A Revista AVE MARIA continua a apresentar a síntese das palestras de Segundo Galilea, proferidas na VII Semana Teológica realizada no "Studium Theologicum" de Curitiba em novembro de 1985.



INTRODUÇÃO

O tema sobre a teologia da libertação em sentido geral é demasiadamente vasto; por isso a ênfase do que continuamos a expor é também somente sobre alguns aspectos importantes.

A nossa caminhada latino-americana está marcada por uma teologia pastoral contrastante com a teologia acadêmico-científica. Paulo VI, na "Evangelii Nuntiandi", afirma que "a razão de ser da Igreja é a evangelização". Esta será a tônica latino-americana, ou seja, uma teologia pastoral cuja característica principal seja a evangelização, a missão.

Sumário da 1ª parte:

I — Visão histórica dos últimos 30 anos.

a) 1ª fase: década de 30-40 (período 1935-45).

b) 2ª fase: anos 1945-60.

c) Aspectos negativos.

d) 3ª fase: de 1960 a 1985.

1 — Medellín (1968).

2 — Entre Medellín e Puebla.

3 — Puebla.

4 — Pós Puebla.

Sumário da 2ª parte:

II — Áreas temáticas da teologia da libertação.

1 — Pontos de consenso da teologia da libertação.

2 — Várias tendências da teologia da libertação.

3 — A instrução de Roma: sobre alguns aspectos da teologia da Libertação.

4 — Tematização.

Sumário da 3ª parte

III — Temática fundamental da teologia da libertação.

A — CRISTO.

1 — A teologia do pobre.

a) Por que Deus e Jesus têm esta preferência?

b) O lugar do pobre no Reino de Deus.

2 — O Reino de Deus.

a) O Reino de Deus está dentro de nós.

b) O Reino de Deus deve também irromper nas sociedades e nas culturas.

c) O Reino de Deus é igualmente sacramentalizado na Igreja.

d) O Reino de Deus é a vida futura.

Sumário da 4ª parte

IV — A misericórdia: seu sentido e suas exigências.

1 — O primeiro sentido da misericórdia para Jesus.

2 — O segundo sentido da misericórdia para Jesus.

3 — A Fraternidade Cristã.

4 — Características da Fraternidade Cristã.

Sumário da 5ª parte

V — Pontos complementares.

1 — A identidade cristã no conflito.

2 — Cultura e libertação.

3 — O problema da cultura e a ética.

Sumário deste número:

VI — Caminhos da espiritualidade.

1 — Uma espiritualidade para nossa época.

2 — Uma espiritualidade para a renovação.

3 — Espiritualidade e espiritualidades.

4 — A busca de Deus que nos amou primeiro.

5 — O seguimento de Jesus Cristo.

6 — A vida segundo o Espírito.

7 — A guia da Igreja e da Comunidade.

8 — A abnegação cristã.

9 — A pobreza evangélica.

VI - CAMINHOS DA ESPIRITUALIDADE

(A parte que se segue é fruto de sínteses feitas a partir de alguns capítulos do livro "CAMINHOS DA ESPIRITUALIDADE" (Segundo Galilea — Edições Paulinas).

UMA ESPIRITUALIDADE PARA A NOSSA ÉPOCA

A atualidade da questão — parece razoável dizer que a espiritualidade cristã passou (e ainda passa) por uma ampla crise, pelo menos na América Latina. A própria palavra "espiritualidade" passou a ser objeto de suspeitas. A reação interna da vida cristã na Igreja não se fez esperar. E hoje se fala mais do que nunca em espiritualidade, sendo que os sintomas desse movimento são vários: a busca de uma espiritualidade a partir do pobre, o interesse pela cultura religiosa popular, o enriquecimento do tema da libertação como uma "espiritualidade da libertação" ou de encarnação da fé na realidade latino-americana, o renascimento do tema tradicional da contemplação e da experiência de Deus em função do contexto atual, a emergência dos grupos de oração e a busca de muitos militantes que procuram reencontrar o sentido dos sacramentos, particularmente da Eucaristia e da Penitência.

Em muitos grupos e pessoas, esse processo se manifesta com o caráter de uma crise de ruptura. Na experiência latino-americana deram-se dois fatos que o tornaram problemático: a urgência das tarefas de libertação social e de evangelização das realidades populares, por um lado, e a acentuação do processo de secularização, por outro. Ocorrendo simultaneamente, ambos os fatos constituem um impacto cultural-religioso. Isso levou muita gente a questionar coisas fundamentais, que eram

óbvias aos nossos antepassados. Assim, fala-se da necessidade de encontrar uma "nova espiritualidade", encarnada no compromisso, no aspecto político e na realidade. Fala-se de uma nova oração e de novas expressões de Fé.

UMA ESPIRITUALIDADE PARA A RENOVAÇÃO

Progressivamente, o Espírito impele nossas Igrejas a uma renovação profunda e global. A espiritualidade "nova" ou renovada que buscamos é ao mesmo tempo tradicional e revolucionária (no sentido evangélico e não ideológico desses termos. Comumente, a renovação começa pelas atividades pastorais. Os missionários, os evangelizadores que atuam na "fronteira" da Igreja, são os primeiros a perceber a insuficiência das modalidades tradicionais de ação. Essas reformas abrangem todos os níveis da organização eclesial: as congregações religiosas ou sociedades missionárias, as cúrias diocesanas e vaticana, as conferências episcopais, os sínodos, as paróquias, as zonas pastorais, os presbitérios, as instituições de apostolado leigo, o ensino de teologia, os seminários, os colégios católicos e assim por diante. Tudo entra em processo de mutação na Igreja, em consonância com um modelo pastoral renovado.

Para a Igreja, as motivações são mais do que essenciais, pois constituem a marca da sua identidade. A espiritualidade não é uma ciência ou uma prática a mais dentro da Igreja. Ela é a seiva da pastoral, da teologia e da comunidade, qualquer que seja o seu modelo. Se a vida de Cristo e o Evangelho são sempre os mesmos, as experiências e opções que inspiram são sempre históricas. uma espiritualidade alheia ao modelo eclesial vivido leva a crises de "esquizofrenia" cristã.

A resposta não está em abandonar toda a mística ou em retroceder na renovação das instituições ou opções, por medo de um

colapso dos valores cristãos, mas em renovar profundamente a Fé e a espiritualidade.

ESPIRITUALIDADE E ESPIRITUALIDADES

Não é fácil definir espiritualidade, porque trata-se de um termo muito rico. Portanto, qualquer definição será pobre. Examinando os grandes autores cristãos perceberemos várias definições diferentes, todas corretas e não excludentes entre si. A tônica que se deve usar deve ser coerente com a respectiva tônica teológica e pastoral. Assim, as Igrejas da América Latina tendem atualmente a destacar a espiritualidade naquilo que tem de referência a Jesus Cristo, seu seguimento e sua vida pascal.

Podemos identificar a espiritualidade cristã como processo de seguimento de Cristo sob o impulso do Espírito e sob a guia da Igreja. Seguir a Cristo e identificar-se com ele significa participar de sua Páscoa, como passagem da morte à vida...

A espiritualidade cristã está marcada por sua origem batismal (Rom 6,4); ela é histórica porque em tais ou quais tempos e lugares se apóia em tais ou quais valores evangélicos, que nessa situação lhe inspiram os caminhos adequados para o seguimento de Jesus.

As diversas espiritualidades não são essencialmente diferentes umas das outras, pois têm as mesmas fontes e a mesma identidade: sempre é o seguimento de Jesus. O que difere são as diversas situações, desafios e particularmente culturas.

A BUSCA DE DEUS QUE NOS AMOU PRIMEIRO

Agora é preciso definir as características que fazem com que a espiritualidade seja cristã, isto é, aquilo que a diferencia de outras espiritualidades e religiões.

Antes de mais nada constatamos que a espiritualidade cristã

não pode ser identificada por um só fator ou componente. São vários componentes que estão na sua base e, por sua vez, geram outras características e exigências.

O fator essencial global da espiritualidade cristã é que ela é trinitária. Uma relação pessoal com Deus Pai, com Jesus e com o Espírito Santo. E isso marca as suas características mais radicais.

Primeiramente, a espiritualidade se relaciona com Deus e nos relaciona com Deus. É um Deus que nos amou primeiro e que se revela a cada povo e indivíduo pela prática do seu amor.

Toda a espiritualidade tem como ponto de partida esse fato fundamental. A nossa relação pessoal com Deus parte do fato de que Deus nos amou primeiro. A iniciativa primeira é sempre de Deus, mesmo em nossa conversão. De um Deus que quer o nosso crescimento, que o homem seja mais do que homem. O nosso Deus é o Deus da vida.

A espiritualidade cristã é, antes de mais nada, uma iniciativa e um dom de Deus. É também o nosso reconhecimento e a nossa resposta com tudo o que isso implica. O caminho da espiritualidade é o processo real, mas sempre inacabado, pelo qual nos identificamos com esse projeto de Deus sobre a criação. Sendo assim, a espiritualidade é a identificação com a vontade de Deus de trazer o Reino de Deus para nós e para os outros.

O início da espiritualidade está no desejo de nos deixarmos encontrar por Deus, realizando o Reino. Mas como, na condição humana que nos encontramos, somos incapazes de fazer isso, o próprio Deus nos arranca da cegueira e impotência, transmitindo-nos o dom da fé.

A fé é o fio condutor que nos permite buscar a Deus. É a experiência mais original e fundamental da espiritualidade cristã. Igual-

mente, a experiência da fé é a experiência da esperança e do amor que Deus nos dá.

O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

Se Deus se nos revelou única e plenamente em Jesus Cristo então há um só modo de buscar e encontrar a Deus: através do seguimento e do conhecimento de Jesus Cristo.

A originalidade e a autenticidade da espiritualidade cristã reside no fato de que seguimos um Deus que assumiu a condição humana.

O ponto de partida da espiritualidade cristã é, por isso, o encontro com a humanidade de Jesus. Deste modo arrancamos em nós a tarefa de adaptar Jesus às nossas imagens, às nossas ideologias e aos nossos interesses.

Nossa espiritualidade tem que recuperar o Cristo histórico. Frequentemente esta dimensão ficou obscurecida em nossa tradição latino-americana, que tem uma tendência a desumanizar Cristo.

Jesus de Nazaré é a única via para conhecer a Deus; nele se nos revela o Deus verdadeiro. Somente no Jesus histórico é que podemos conhecer os valores da vida cristã. Jesus não é só um modelo de vida: é a raiz dos valores da vida.

Por isto todo o seguimento de Jesus começa pelo conhecimento de sua humanidade. Jesus não nos ensina a viver somente como cristãos, em comunhão com Deus-Pai. Também nos ensina a viver como seres humanos. Ele não é só o sacramento de Deus; ele é o ideal do homem. Constitui a raiz do verdadeiro humanismo.

O seguimento de Cristo não consiste tanto imitar literalmente a Jesus. Trata muito mais de nos identificarmos com suas atitudes, com seu espírito, com seus valores, que Jesus encarnou nas circunstâncias de seu tempo e que agora nós devemos encarnar nas circunstâncias da nossa própria história.

Cristo é seguido na medida em que aprofundamos seu conheci-

mento, motivados pela fé, e queremos ser como ele. Trata-se de conhecer o Senhor "contemplativamente" com todo o nosso ser. O rosto de Jesus se revela na experiência do seu seguimento.

Isto nem sempre é fácil. A revelação de Cristo em nós é dom do Pai. Ela exige de nós uma grande pobreza de coração e os dons do Espírito Santo, que sopra onde quer.

Podemos encontrar todos os valores e exigências desta espiritualidade cristã na própria vida e prática de Jesus. É a prática de Jesus que nos ensina a nos relacionarmos com os outros na fraternidade e no amor; que nos ensina a testemunhar e lutar pela verdade e a justiça; e, assim por diante.

Sendo assim não devemos nos surpreender ao constatar, na história, o valor central que todos os grandes movimentos de renovação espiritual na Igreja deram à humanidade de Jesus e ao seguimento e imitação dessa humanidade. (Exs: São João da Cruz, São Francisco, Teresa de Ávila). Hoje temos algumas espiritualidades que estão nascendo a partir de uma redescoberta de Jesus segundo o Evangelho.

A VIDA SEGUNDO O ESPÍRITO

A espiritualidade cristã é trinitária. Isso é essencial na identidade cristã: vamos ao Pai por Cristo animados pelo Espírito.

Pelo Espírito não só imitamos a Cristo, mas também nos transformamos em Cristo e como Ele, em filhos de Deus. Este dom não é somente pessoal mas coletivo.

Desde o início a Igreja atribui ao Espírito tudo aquilo que é dinamismo e renovação. A Igreja nos ensina a orar para que o Espírito "renove a face da terra". Onde houver renovação verdadeira, aí estará o Espírito.

Este encontro com o Espírito (renovador) gera nos cristãos aqui-

lo que chamamos de "Espiritualidade". Espiritualidade é portanto o encontro do homem com o Espírito.

O Espírito nos transforma em "criaturas novas" (Rom 8,11; Tt 3,5). Daí, quando guiados pelo Espírito nos dizemos: homens espirituais.

A ação do Espírito e a ação de Cristo são a mesma coisa pois em sua humanidade Cristo viveu radicalmente a vida segundo o Espírito. Viver segundo a carne, pelo contrário, é ser escravo das paixões humanas sem ser movidos pelo Espírito renovador.

A missão da Igreja de anunciar o Reino de Deus só pode ter êxito quando movida pelo Espírito. É o Espírito que nos transmite a "mentalidade" e os "costumes" de Deus.

O Espírito pode também atuar nos não-crentes e esses agirão segundo o Espírito de Jesus, embora não o saibam.

Em plenitude, a espiritualidade de cristã é a síntese entre o Espírito de Jesus, a aceitação de sua pessoa e de seu Evangelho.

A GUIA DA IGREJA E DA COMUNIDADE

A Igreja é o lugar privilegiado do encontro com o Espírito. É a garantia, em sacramento, que o Espírito atua pois foi lhe dado o Espírito para que por Ele os crentes participem na vida de Cristo.

Não pode haver uma autêntica espiritualidade sem Igreja. O Espírito não é uma ideologia. É na comunidade cristã que o Espírito atua. Na Comunidade Eclesial de Base a Igreja cumpre o papel concreto de guia espiritual.

A Igreja se torna a experiência vital da ação do Espírito pois a comunidade eclesial canaliza para os crentes as fontes primordiais da espiritualidade: a presença do Espírito de Cristo entre eles (Mt 18,20).

A comunidade é experiência

espiritual porque é experiência de fraternidade, de exercício de amor e de solidariedade.

A ABNEGAÇÃO CRISTÃ

Para Cristo, a conversão e o seguimento cristãos exigem abnegação e sacrifício de si mesmo.

A tarefa permanente de: morte do "homem velho" e nascimento do "homem novo" é chamada ascética cristã. Esta leva-nos a renunciar não só o mal ou pecado, mas até o que nos é legítimo. Esta renúncia revela a natureza escatológica da vida humana: confiança nos valores do Espírito e do Reino. E é motivada pela vontade de seguir a Cristo.

Outra motivação é a necessidade de se combater o mal agindo no seu oposto: o apego às coisas materiais vencido pela renúncia radical delas.

A ascética e a renúncia são necessárias também para a purificação do coração. Elas se tornam desumanizantes quando não são impulsionadas pela imitação de Cristo.

Um exemplo: a pobreza. Em si mesma ela não representa um valor especial. É um testemunho na medida em que gera partilha com os pobres e ao mesmo tempo imitação de Cristo. O mesmo acontece com o celibato: por si só não se reveste de um especial valor evangélico. Mas à medida que vivido intensamente reflete a experiência de que Deus é real, de que ele é fonte de amor maior aos irmãos e de que todo amor humano se refere ao amor absoluto de Deus.

As penitências, muito comuns em épocas passadas, continuam com seu valor essencial: as formas de sacrificar o egoísmo para viver por um amor maior e para imitar Jesus.

Houve transformações na maneira de se viver o Cristianismo. Em vez de pecado se fala mais em egoísmo, alienação do ser, idolatrias... o corpo não é mais considerado como fonte do pecado;

não se valoriza tanto os atos de penitência programados, mas se baseia a vida cristã no ideal contemplativo-conventual e nas atividades temporais.

A penitência continua vigente em nossos dias, principalmente quando se assume a abnegação imposta pela vida familiar, profissional. Quando os sacrifícios da vida são relacionados conscientemente com o chamado de Cristo a segui-lo "correndo a nossa cruz de cada dia", se transformam na ascética cristã.

Qualquer militância ou fidelidade exige formas de disciplinas ou ascese. Para o cristão, esta é a nova face da penitência, se tornando a vida, assumida sem egoísmo e no bojo de um projeto de amor.

A POBREZA EVANGÉLICA

Está ou deveria estar em relação com a teologia da libertação. Fala-se muito em pobreza desumanizante. É mister complementar com o humanizante. Esta pobreza humanizante está relacionada com a opção pelos pobres; no entanto, a pobreza evangélica não é a mesma coisa que opção pelos pobres (todavia estão relacionados).

A pobreza é a condição para a opção pelos pobres. É uma atitude que auxilia, pois o valor fundamental é a misericórdia.

São Francisco de Assis insistia sobre a pobreza não como a condição fundamental, mas como o agente motivador de fraternidade, de amor. Ele entendeu que sem pobreza é muito difícil viver a fraternidade.

Em sentido cristão, deve-se começar por lembrar as Bem-Aventuranças de Mateus, onde a primeira é a pobreza evangélica. Ele é o início da caminhada para participar do Reino. Mateus não fala ainda de pobreza evangélica, mas coloca o fundamento de toda a forma de pobreza, isto é, o coração. Constata-se então que os va-

lores do Reino estão baseados no coração. Contudo, precisam de uma expressão e uma encarnação. Jesus sintetiza a atitude com a prática, pois para ele a prática sem o coração não tem valor.

Esta bem-aventurança (pobreza) repete-se na segunda (mansos). Em linguagem bíblica o termo manso tem o mesmo significado de pobreza de coração.

Para Jesus Cristo a pobreza de espírito é uma atitude de confiança radical em Deus, colocando a vida inteira nas mãos desse Deus; é, portanto, uma forma de humildade, prontidão, tendo a convicção de que tudo vem dele. Não está, portanto, muito no campo do ter ou não ter, e sim numa atitude de confiança total e de desapego.

A raiz da pobreza é algo de surpreendente. Ela não é uma atitude relacionada com as coisas simplesmente, mas uma atitude para com Deus. É a partir desta atitude que Jesus fala da exigência para com o Reino.

O objetivo de ser discípulo não é o ser pobre, mas para sê-lo é preciso renunciar a tudo aquilo que se tem para se chegar à prática evangélica, ao amor, à misericórdia e à prática de plena liberdade.

O discípulo deve ter uma disposição de coração para renunciar a tudo (imagem, posição, prestígio, etc.) que bloqueia o seguimento de Cristo, embora tendo a consciência de que a sua execução é variável de pessoa a pessoa.

Por isso a pobreza de espírito requer a prática de pobreza e aqui é fundamental a bem-aventurança de Mateus que libera o discípulo de dois tipos de farisaísmo:

a) Santidade exterior — a prática exterior da pobreza não é evangélica senão está baseada na confiança em Deus. Esta prática é ambígua e viver aqui ou ali, ter mais ou menos coisas não quer dizer nada, pois a pobreza simplesmente nunca é um valor em si. Se,

portanto, a escolha de lugares pobres exprime solidariedade então é evangélico. A pergunta fundamental para quem optou é “onde está o seu coração”.

b) Pensar que se pode ser pobre de coração vivendo como um milionário (forma oposta de farisaísmo). Nos Evangelhos Jesus colocou os fundamentos, as atitudes e a exigência do desapego radical. Não disse porém muita coisa como o fazer isso. Ele exigiu em matéria de coisas práticas coisas diferentes de pessoa a pessoa. No entanto, pediu a todos a mudança de mentalidade.

O caminho da pobreza deve ser procurado por cada um. Este é a caminhada do cristão; pergunta-se cada dia o que deve renunciar para seguir a Jesus.

A prática de pobreza é pessoal e portanto perigosa, pois é um valor relacional, dependendo de cultura, do tipo de sociedade, da maneira como se apresenta a opção pelos pobres. Aqui necessita-se de muito discernimento para perceber qual o tipo de pobreza exigido por Deus (a mim), e isto é descoberto por meio da Palavra de Deus que aos poucos revela o caminho da pobreza, isto tanto a nível pessoal como comunitário.

A pobreza está ligada a outros valores cristãos, pois se fosse simplesmente trocar casas ou roupas seria muito fácil, mas a pobreza, em última análise, é um dom de Deus que aos poucos se vai recebendo.

A tradição cristã apresenta alguns critérios para discernir a pobreza pessoal e comunitária.

1. Sempre é histórica

É coerente com a situação dos pobres; é cultural, real, e este relacionamento com a pobreza desumanizante de uma determinada época facilmente se percebe.

2. Sempre é dinâmica

As exigências mudam na cami-

nhada da vida; portanto nunca está plenamente adquirida. A prática do missionário, do evangelizador deve estar consciente de que nunca viverá a situação do pobre. Ele tem as riquezas culturais, de fé, de relacionamentos que o povo nunca terá, porém isto motiva o valor da prática e nem é causa para tranquilização.

3. Não é o valor fundamental do cristianismo; sempre será relativo

Erra-se quando este é o ponto fundamental das discussões nas comunidades, pois a pobreza é um valor para viver e testemunhar e não para ser discutido.

Isto aplica-se para a Igreja, o seu ser não é testemunhar a pobreza mas evangelizar e testemunhar a vinda do Reino de Deus, tendo a pobreza por condição.

A propriedade da Igreja é a missão e os seus meios necessários, isto relativiza e torna complexo o problema de pobreza, pois muitas vezes, missão e pobreza são dois valores incompatíveis. A pergunta principal a ser feita é “QUAL É A MISSÃO”. Em certos casos pode ser mais a pobreza e menos a missão, e vice-versa.

O objetivo principal das congregações e institutos não é testemunhar a pobreza, e sim a evangelização. Pode existir casos em que a função da congregação seja testemunhar a pobreza; neste caso, os recursos da pastoral evangelizadora serão menores.

Concluindo

Em todos os casos o testemunho da pobreza é essencial para demonstrar a plena confiança em Deus.

“O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante...” (PUEBLA).

(Segundo Galilea, 57 anos, é sacerdote diocesano em Santiago do Chile; professor de teologia e integrante docente do Instituto de Pastoral do Conselho Episcopal Latino-Americano — CELAM).

CONSTITUINTE E IGREJA



A nova Constituição não poderá deixar de lado princípios cristãos construídos ao longo dos séculos, a base da convivência humana: o direito à liberdade, à dignidade, à expressão, à associação, à religião, à vida.

A nova Constituição deverá não apenas reconhecer tais princípios, mas estabelecer condições concretas para a realização dos mesmos.

A Constituição é a lei básica de um país que fixa os princípios fundamentais para o funcionamento da nação. A Constituição determina a organização do Estado, reconhece os direitos e as liberdades das pessoas, dá normas para a organização econômica, social, política, cultural e determina como devem ser as demais legislações federais, estaduais e municipais.

O conteúdo da Constituição deve, pois, traduzir as aspirações do povo.

Exigências cristãs

O Brasil é um país de maioria cristã e católica e, conseqüentemente, sua Constituição deverá respeitar os princípios cristãos, que nada mais são do que normas básicas de convivência humana, derivadas do Evangelho de Cristo.

“Construídos ao longo de uma trajetória de muitos séculos, (esses princípios) foram marcados também pela presença cristã na história da humanidade. Mas agora já são patrimônio comum. A Igreja também participa de sua defesa

como princípios éticos que, por serem profundamente humanos, encontram no Evangelho sua expressão mais viva”. (DP III, 3.1,45).

Ao pleitear a incorporação dos princípios cristãos à Constituição, a Igreja não pretende absolutamente recriar um Estado teocrático ou participar de alguma forma do poder civil, nem negociar acordos ou “cordatas” para manter privilégios dentro da organização temporal.

A evolução do pensamento e da consciência cristã rejeita hoje

todas essas formas de ingerência eclesiástica no âmbito do poder do Estado. Nos últimos anos, a Igreja vem até mesmo coibindo a militância política de membros do clero para evitar qualquer possível confusão em relação à missão espiritual do sacerdote.

A Declaração Pastoral dos bispos brasileiros estabelece como base fundamental da nova Constituição os valores e direitos da pessoa humana assim resumidos:

“Todo ser humano, qualquer que seja sua idade, sexo, raça, cor, língua, condição de saúde, confissão religiosa, posição social, econômica, ideológica, política, cultural, é portador de uma dignidade inviolável e sujeito de direitos e deveres que o dignificam, em sua relação com Deus como filho, com os outros homens como irmão e com a natureza como senhor”. (DP III, 3.2,51).

“Por isso, todos os seres humanos são fundamentalmente iguais

em direitos e dignidade, livres para pensar e decidir de acordo com sua consciência; para expressar-se, organizar-se em associações e buscar sua plena realização, mas em profundo respeito à liberdade e à dignidade dos outros seres humanos, tendo sempre em vista o bem comum. (DP III, 3.1,52).”

Em consequência, a nova Constituição deverá não apenas reconhecer tais princípios, mas estabelecer condições concretas para a realização dos mesmos. Em outras palavras, deverá consagrar

— o direito à vida e a um padrão digno de existência para todos os homens e mulheres;

— o direito à saúde e ao lazer;

— o direito à educação, inclusive religiosa, e a escolher o tipo de educação desejada para os filhos;

— o direito à liberdade religiosa;

— o direito ao trabalho e à remuneração suficiente para o sustento pessoal e da própria família;

— o direito de todos à propriedade, condicionada à sua função social;

— o direito de ir e vir, o direito de entrar no país e sair dele;

— o direito à segurança, à preservação da própria imagem e à participação política.

O direito à vida

De todos esses direitos, o mais radical e sagrado é o direito à vida. Por isso, a Constituição deverá preservá-lo desde seu primeiro sopro, desde o primeiro instante da concepção, rejeitando qualquer tipo de atentado, como o aborto diretamente provocado, o genocídio, o suicídio, a eutanásia, a tortura, a violência física, psicológica ou moral ou qualquer forma de mutilação injusta.

Dentro de uma visão mais abrangente da índole pacífica do povo brasileiro, a pena de morte não se justificaria na nova Constituição.



Tendo em vista a plena defesa do direito à vida, a nova Carta Magna deverá incorporar os instrumentos necessários para eliminar outros atentados, igualmente inaceitáveis contra a vida, como as situações permanentes de fome, subnutrição, condições infra-humanas de existência e impossibilidade de acesso aos serviços de saúde. Neste ponto, o Brasil — que apresenta altas taxas de mortalidade infantil e elevada porcentagem de pessoas subnutridas e doentes — precisa dar grandes passos e uma das sugestões apresentadas pelos bispos seria a aplicação dos grandes recursos canalizados para a produção de armas aos setores de promoção social.

Do anterior regime militar nosso país herdou uma ingloria façanha: a de ser hoje o quinto exportador mundial de armamentos (com um faturamento estimado em cerca de cinco bilhões de dólares em 1985). Um relatório do Senado, recentemente divulgado, prevê que dentro de quatro anos, o Brasil superará Israel e se tornará o maior exportador de armas do Terceiro Mundo...

O direito à vida exige também que se incorporem à nova Constituição os instrumentos jurídicos para evitar formas de exploração predatória do meio-ambiente e toda espécie de poluição ambiental.

A defesa da família

A Constituição deverá também proteger os direitos da família, base natural da sociedade. A família precisa receber do Estado condições estáveis e dignas de alimentação, saúde, lazer, educação e transporte para se desenvolver.

A Igreja reafirma sua doutrina do matrimônio monogâmico e indissolúvel, rejeitando conseqüentemente o divórcio (já aceito pela atual Constituição), e pede a preservação da legislação em vigor que reconhece efeitos civis ao casamento religioso.

Contudo, em força de seu de-

ver pastoral, a Igreja se preocupa pelos casais irregularmente constituídos e considera obrigação do Estado dar proteção legal aos que vivem em união estável, embora ilegal, e também às crianças nascidas fora do matrimônio.

Liberdade religiosa

A futura Constituição deverá consagrar com maior clareza que as anteriores um dos mais sagrados direitos do homem: a liberdade religiosa.

“Cada cidadão ou cada grupo de cidadãos goza de plena liberdade de abraçar ou deixar de abraçar uma religião; de realizar os atos de culto, expressar livremente a sua fé e divulgar sua doutrina, contanto que não se firam os direitos de outros ou o bem comum. Tem o direito de não ser discriminado em razão de sua crença ou suas convicções religiosas ou filosóficas; e o direito de educar os filhos de acordo com os princípios éticos e sociais coerentes com sua fé” (DP, 67).

Com base neste princípio, a Igreja pede que seja mantido na Constituição o direito ao ensino religioso escolar, de acordo com a convicção religiosa do aluno e de seus responsáveis, que haja liberdade de assistência religiosa às Forças Armadas e nos estabelecimentos penais ou de internação coletiva e que se respeite também o direito à objeção de consciência, referindo-se particularmente à prestação do serviço militar. Contudo, para as pessoas que, por motivos de consciência, se recusam a fazer o serviço militar, o Estado tem o direito de impor a prestação de serviços sociais como alternativa.

Além do respeito aos símbolos, distintivos e ritos próprios de cada religião, o Estado deverá aceitar também a função crítica de grupos religiosos na sociedade em relação à conduta de grupos, instituições ou do próprio poder público, em casos de desrespeito às convicções

religiosas ou aos valores éticos fundados na religião. As ditaduras, os regimes autoritários e mesmo alguns governos democráticos não aceitam esta função crítica de grupos religiosos, tentando então desmoralizá-los ou até mesmo silenciá-los com os poderosos meios de que dispõem.

Exemplo disso — aqui mesmo no Brasil — é a campanha movida contra o episcopado, as comunidades eclesiais de base, a Comissão Pastoral da Terra, o Conselho Indigenista Missionário, etc. empenhados na luta pela justiça social — pelas grandes forças que controlam os meios de comunicação, com o apoio de grupos econômicos, políticos e até de setores oficiais.

É curioso observar que a Declaração Pastoral dos bispos brasileiros não pede qualquer tipo de privilégio para a Igreja na futura Constituição, além do reconhecimento dos efeitos civis do matrimônio religioso. Nem mesmo alguns privilégios concedidos pela legislação anterior, como a isenção de impostos para os edifícios de culto e a isenção do serviço militar para os membros do clero. •

J.S.



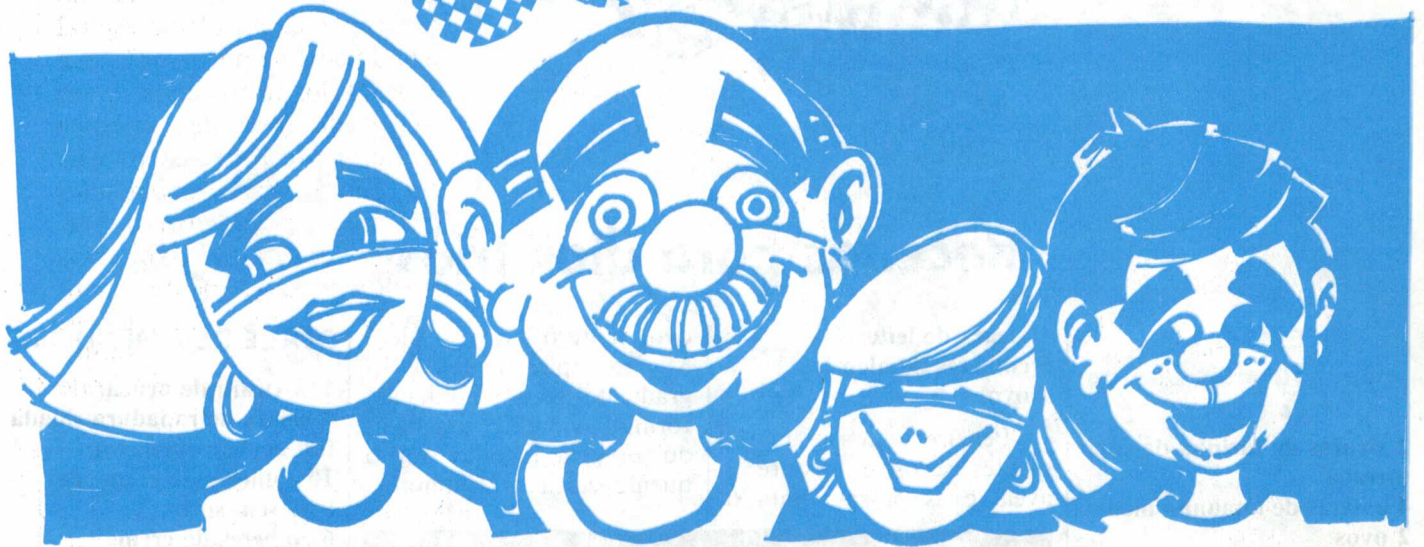
QUER SER SACRAMENTINO?

Nossa missão é viver e revelar o mistério da Eucaristia, sacramento de comunhão e libertação. Como padre ou irmão você viverá da Eucaristia e para a Eucaristia.

Informações

Rua Sergipe, 175
30000 Belo Horizonte, MG
Av. Imperador, 1.165
60000 Fortaleza, CE

Meu lar,
minha alegria



Veja o que ele fez comigo!

Maria do Carmo Fontenelle

Todos os males da humanidade acontecem pela falta de Deus nos corações. Há alguns dias o Zelador do Prédio me assustou dizendo: Dona Maria, veja o que ele fez comigo! Imaginei todo tipo de ruindades, mas era uma história de Deus e de amor, e coisas boas estavam acontecendo. Vou contar tudo em forma de uma Historinha tá?: “Era uma vez”... um Zelador de Prédio, igualzinho a muitos outros. Esse Zelador da nossa história, é pessoa muito especial, tendo vindo lá de Pernambuco com a mulher e os quatro filhos, acrescentando aqui mais dois que são paulistinhas.

Ele sustenta a família de oito pessoas, sem reclamar do salário mínimo ou da falta de residência no edifício.

Em pouco tempo, conquistou a amizade dos moradores, com sua extrema boa vontade. Na ocasião do nascimento do 6º filho, houve algumas dificuldades, e os moradores ajudaram com os cruzados necessários e as coisas boas voltaram a acontecer.

Os assuntos de Deus estavam caminhando no sentido de resolver os problemas desse Zelador.

Os moradores continuavam como

sempre, dependendo do Zelador para resolver seus pequenos problemas: Pregiar quadros na parede, concertar a luz que não acende, torneiras que não param de pingar, escapamento de gás, etc. Quando o chama pelo interfone, ele logo aparece com o seu sorriso largo, e pronto para o que der e vier!

Até que um dia alguém do prédio descobriu mais um ENORME problema dele: UM FILHO PARAPLÉGICO, já com 16 anos. O rapazinho nunca tinha nem experimentado uma cadeira de rodas!

A notícia correu como um rastelho de pólvora... Todo mundo concordou que precisava fazer alguma coisa. Até que apareceu uma moradora que fez questão de doar a cadeira de rodas. Tomaram as medidas e a cadeira, com as dimensões bem acertadas, ficou pronta em poucos dias.

Chegou a vez do vizinho do lado esquerdo: Ele reuniu três amigos: o jornalista, o casal do Ponto de Jogo do Bicho e da Casa Lotérica. Ofereceram as almofadas do assento e do encosto.

QUASE TUDO PRONTO! Só faltava o transporte... E não foi preciso esperar muito mais, logo, logo, mais

um outro emissário de Deus apareceu com os cruzados necessários para o carro. Até um fogão, em boas condições foi encaixado dentro do carro, que levava a cadeira.

O João Manuel durante os seus 16 anos de vida, não conseguia nem se virar sozinho na cama. Agora, pode se mover, até sentar e brincar com os irmãos: Empurram a cadeira pra lá, e pra cá e ele dá risada!

Foi uma alegria imensa naquela família, onde todos trabalham, menos a mãe. Ela “apenas” lava, passa, cozinha, costura, limpa a casa, cuida do filho doente, etc., etc., como a maioria das mulheres.

A nossa História Lendária e cheia de coincidências divinas e incríveis, continua com maiores surpresas.

À tarde, depois de ter levado a cadeira, o amigo chegou no hall de entrada do prédio, chorando de emoção, segurando um papel, que era nada mais nada menos, do que um BILHETE PREMIADO. Tirou a SORTE GRANDE Cz\$ 680,00 apostando os números das dimensões da cadeira de roda. Altura e largura!

É isso aí! Uma história verdadeira.



Meu lar,
minha alegria

Receitas para dias frios

BIFE DE SOJA

(a receita mais pedida nas cartas)

2 xícaras de farinha de soja torrada
4 batatas de tamanho médio
2 ovos
1 colher de manteiga
2 colherinhas de fermento em pó
Sal, pimenta, cebola, alho e cheiro verde.

Cozinhe as batatas e amasse enquanto quentes, com o garfo, ou passe pelo expremedor. Misture todos os ingredientes. Tempere ao seu paladar. Faça bolas com uma colher cheia e achate-a, dando o formato de bifes. Passe um pouco de farinha de trigo dos dois lados, e frite em óleo bem quente até dourar os dois lados.

Retire sobre um papel absorvente e sirva coberto de molho de tomate, sobre uma fatia de pão de forma.

A farinha de soja deve ser usada sempre torrada. Assim é mais gostosa e de mais fácil digestão. Torre em frigideira, mexendo sem parar até ficar da cor bege.

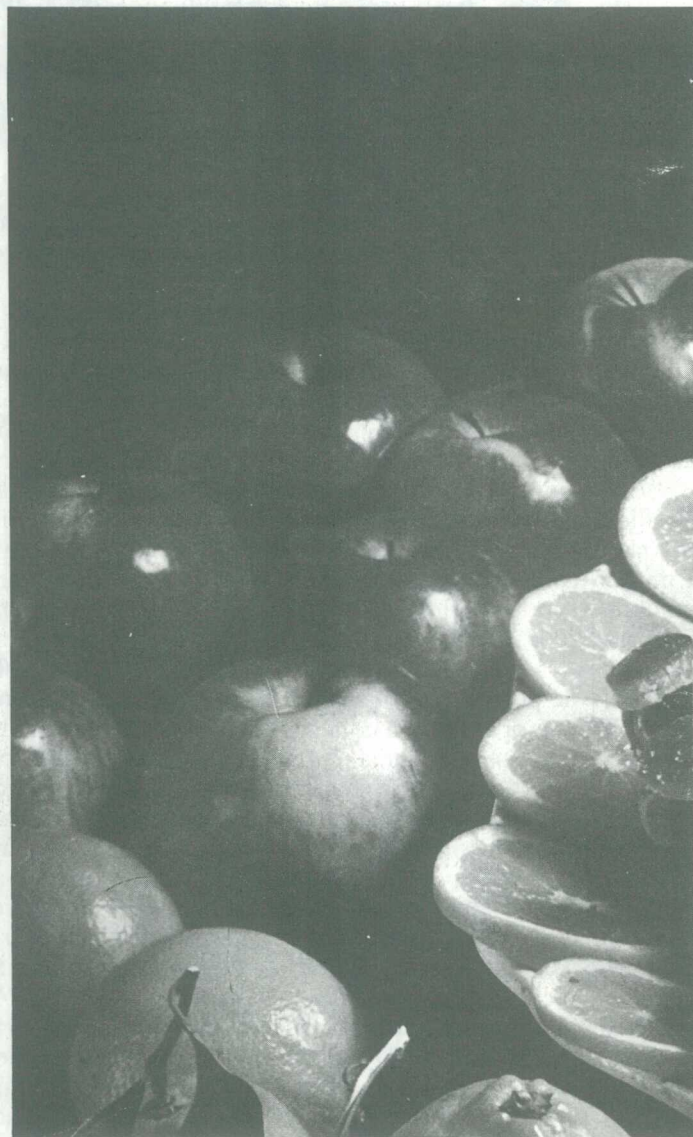
BOLINHOS DE AVEIA E PASSAS

1 xícara de farinha
1 xícara de aveia
4 colheres de açúcar
3 colherinhas de fermento
1/2 xícara de passas
1 pitada de sal

1 xícara de leite
5 colheres de óleo
1 ovo.

Peneire juntos os ingredientes secos e misture a aveia e as passas. Bata o

ovo, junte o leite e o óleo. Misture rapidamente aos ingredientes secos e ponha em forminhas untadas, enchendo só pela metade, forno quente, cerca de 25 minutos.



GLACÊ DE AMENDOIM

1/2 xícara de açúcar
1 xícara de rapadura ralada (ou açúcar mascavo)
10 colheres de creme de leite sem soro
6 colheres de creme de amendoim.

Misture os três primeiros ingredientes, em uma panela. Leve ao fogo brando, misture e deixe sem mexer até o ponto de bala mole (quando pingando na água fria formar uma balinha mole). Tire do fogo espere esfriar um pouco e junte o creme de amendoim. Bata um pouco e use morno, conservando a panela dentro de outra com água quente, para não endurecer enquanto estiver espalhando no bolo.

XAROPE DE MAÇÃ

Cascas de 2 maçãs,
centros e sementes
1 colher de suco de limão
1 xícara de açúcar
1 xícara de água.

Aproveite as cascas de maçãs para uma bebida deliciosa e nutritiva. Bata no liquidificador, as cascas com o centro, sementes e o limão. Junte uma calda quente feita com 1 xícara de água para 1 xícara de açúcar. Bata mais um pouco. Coe e guarde em vidros na geladeira. Sirva suco de maçã diluindo o xarope com água gelada.



Um novo e importantíssimo livro para os que vivem com alcoólatras

Donald Lazo

Esta semana recebi uma carta, da esposa de um alcoólatra, que é tão típica da situação que vivem milhares de mulheres neste país, que achei por bem reproduzi-la aqui, devidamente guardando o anonimato das pessoas envolvidas. Faço isto para que a carta seja lida por outras esposas com problemas idênticos, para que sintam que, longe de estarem sozinhas no mundo, compartilham uma experiência extremamente comum com milhares de outras mulheres vivendo com um marido cujo alcoolismo o leva a maltratar os outros enquanto se ilude de estar bebendo igual aos demais e de poder parar a hora que quiser. Esposas nesta situação ficam desesperadas, mas aguentam firme (às vezes por anos e anos) e, por não entender o alcoolismo, facilitam a progressão da doença do marido até que este, por fim, morre dela. E os filhos que passam sua infância e adolescência num lar onde um dos pais é alcoólatra, são os que mais sofrem — marcados (provavelmente para sempre) pela convivência aterradora com um fenômeno que absolutamente não compreendem. Prestem atenção a esta carta:

“Lendo a reportagem na Revista “Ave Maria” sobre o problema do alcoolismo e sendo eu esposa de um alcoólatra, gostaria de receber maior orientação sobre o assunto.

“Quando nos casamos, ele bebia pouco e à medida que os anos foram passando o problema foi se agravando, chegando até a perder emprego. E cada vez que isso acontece, é um motivo a mais para se afogar cada vez mais na bebida.

“Ele é... e ganha pouco. Eu

sou... e ganho pouco também, tendo que colocar todo o meu ordenado no orçamento da casa.

“Temos uma filha com... anos (adolescente) e ela agora está se revoltando com o ambiente de brigas dentro de casa. Nossas brigas são horribéis e quase que diárias.

“Quando ele não bebe ele tem um grande amor por nós, nos trata com muito carinho e sempre promete parar de beber, mas isto dura alguns dias ou às vezes poucas horas. Estando embriagado, ele nos odeia e a ele também.

“Eu estou sentindo que não tenho mais forças para viver. Preciso de ajuda de alguém. Já tentei ajudá-lo. Fizemos encontro de casais. Uma vez consegui que ele frequentasse reuniões de AA mas foram só umas duas ou três semanas, depois desanimou.

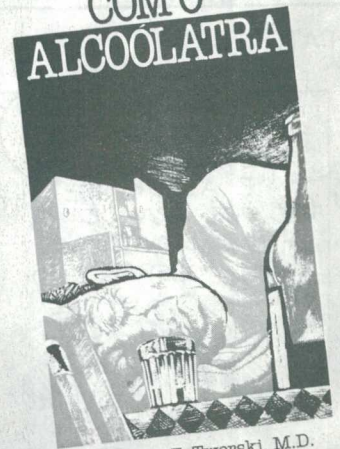
“Já conversamos muito sobre o assunto, sentados à mesa de casa em diálogo amigável, mas ele não aceita que o nosso problema seja porque ele bebe demais. Ele diz que o nosso problema é a falta de dinheiro. Ele age assim justamente porque a partir do momento em que admitir que precisa parar de beber, terá de fazê-lo.

“Eu estou com esgotamento nervoso, muito abalada e ando falhando nas minhas obrigações em casa e também no meu serviço. Estou fazendo uso de calmantes por ordem médica. Estou desesperada e penso que a única solução seria uma separação, muito embora eu não esteja preparada psicologicamente para isso, pois sei que uma separação definitiva entre um casal traz conseqüências dolorosas e profundas para todos. Não sei como vocês poderão me ajudar mas

peço, pelo amor de Deus, façam alguma coisa”.

Há coisas que podem, e devem, ser feitas — pela própria esposa. Mas primeiro é necessário entender o alcoolismo. As Edições Paulinas acabam de publicar um livro para esta esposa, e para as milhares que, neste instante, estão na mesmíssima situação que ela. O livro se chama “COMO PROCEDER COM O ALCOÓLATRA”, e pode ser obtido nas livrarias das Edições Paulinas espalhadas pelo Brasil, ou através da Revista AVE MARIA. Mas não adianta ler o livro sem colocar em prática os conselhos nele contidos. Pois a adoção de medidas acertadas, por parte da esposa do alcoólatra, fará com que ela se sinta cada vez menos desesperada, os filhos se sintam cada vez menos confusos, e o pai se dê conta de que existe uma saída para todos os seus problemas, (parar de beber), e que deve procurar essa saída. •

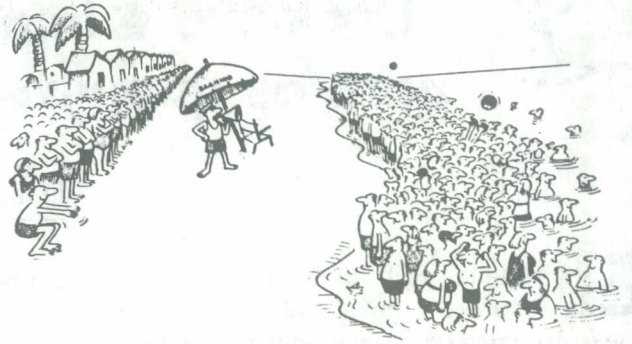
COMO PROCEDER COM O ALCOÓLATRA



Abraham T. Twerski, M.D.

ep

3 MINUTOS DE HUMOR



SAIAM! A HORA DE VOCÊS JÁ TERMINOU!

CEBOLINHA - (MAURÍCIO)



© 1979 MAURICIO DE SOUSA PROD.

3707



© 1979 MAURICIO DE SOUSA PROD.

3716

O PATO - (CIÇA)



06/199





A palavra de Deus na liturgia eucarística

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 3/8/86

QUEM CONFIA NO SENHOR NÃO SERÁ CONFUNDIDO



1ª LEITURA: *Ecl 1,2; 2,21-23.* Antes de exaltar o sentido da vida, como o faz todo o Antigo Testamento, o Eclesiastes quer ir mais longe e pergunta ao homem quem ele é, para que existe e o que sobra de sua morte. Vaidade... Sabedoria... cessam com a morte e, portanto, não podem constituir o sentido da vida. A pergunta: onde encontrar

sentido para a vida, nos preparam, pois, a descobrir em Deus o “tesouro” desta e da vida futura.

2ª LEITURA: *Ct 3,1-5.9-11.* O homem que deseja vida nova com Cristo, tem antes que morrer com Cristo; estar escondido em sua morte.

A morte do homem não é por uma mortificação que o diminui mas sim, morte ao velho homem que o impede de ressuscitar com Cristo.

Buscar as coisas do alto é buscar uma vida condizente com a condição de Cristo Ressuscitado. A busca do alto não é depreciação das realidades terrestres, ao contrário, o cristão luta aqui na terra com a mesma perspectiva que Cristo lutou: realizar, já na terra, a Nova Criação.

EVANGELHO: *Lc 12,13-21.* Jesus não se apresenta como juiz, mas coloca a justiça em bases novas. A conduta de vida está acima dos atos exteriores. Até mesmo para a vida aqui na terra é sem sentido acumular tesouros quanto mais para a vida futura. E diz Deus: são insensatos os que se julgam seguros pelas riquezas que armazenaram.

COMENTÁRIO: Falando ao homem rico da parábola de hoje, Jesus chama a atenção de todos diante da insensatez de depositar nossa confiança fora de Deus.

Todo homem tem direito a uma vida humana digna e para isto requer um mínimo necessário de bens materiais, mas o homem se engana, julgando-se dono da própria vida em consequência do poderio que faz dos bens e de outras pessoas. Ser rico para Deus, como conclui o texto, significa, portanto, serviço fraterno e igual dignidade.

Antonio Aparecido Ondeí, cmf

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 10/8/86

OS SERVIDORES DO SENHOR NÃO SERÃO SURPREENDIDOS COM SUA VINDA



1ª LEITURA: *Sb 18,6-9.* Esta leitura nos recorda a libertação do povo de Deus, escravo no Egito, através do flagelo exterminador que recaiu sobre os primogênitos dos egípcios. Aí a sabedoria divina atuou em favor da libertação de Israel que aguardava ansioso por esta “noite” de libertação. Deus escolheu Israel por sua herança e

seu juízo se manifesta na diferente sorte que cabe aos filhos de Israel e aos inimigos do povo de Deus. Por esta escolha Israel deve ser fiel em celebrar seu Deus até a libertação final, onde será a Páscoa definitiva.

2ª LEITURA: *Hb 11,1-2.8-19.* A fé é garantia, para quem exerce a caridade como serviço ao próximo, e esperança de participação na sorte dos justos. Pela fé já participamos da Ressurreição do Cristo que ainda irá se manifestar plenamente aos que praticam a caridade. A comunidade cristã já vive, por sua fé, a pátria desejada. Sem a fé nosso compromisso é superficial e nosso testemunho não produz nos outros os frutos de conversão.

EVANGELHO: *Lc 12,32-48.* Com uma série de parábolas os discípulos são constantemente exortados a estarem vigilantes. Cristo virá sem que tenhamos sido avisados e felizes seremos se nosso coração estiver vigilante e se o tesouro incorruptível, que é Deus, estiver por nós assegurado. Não haverá medo para quem põe sua confiança no Senhor e exerce com fidelidade o serviço que lhe foi confiado.

A resposta a Pedro confirma: quem não proceder com fidelidade terá a mesma sorte dos infiéis.

COMENTÁRIO: A vigilância proposta na liturgia de hoje, não equivale a comodismo, ao contrário, expressa a atitude de vida do cristão, frente às necessidades de serviço aos irmãos. Jesus insiste na prontidão e, só espera em vigília quem se compromete, como Cristo, por uma atuação em favor da comunidade. Este é o sentido da vocação cristã que hoje estamos refletindo.

Antonio Aparecido Ondeí, cmf

MARIA ASSUNTA AO CÉU É ANTECIPAÇÃO DO MISTÉRIO DE CRISTO GLORIFICADO PARA O HOMEM



1ª LEITURA: *Ap 11,19; 12,1-6a.10ab.* A mulher que está para dar a luz e o dragão são sinais opostos de Vida e de Morte. A criança que está para nascer é o Messias anunciado. Até a vinda de Jesus a humanidade esteve abocanhada pelo dragão do mal e em Cristo teve início a nova humanidade.

Diante deste combate sempre atual entre a Vida e a Morte, esta mensagem, dirigida às comunidades cristãs sofredoras, servia de motivação em seu testemunho de Cristo Ressuscitado.

A aplicação do Ap. 12 a Maria é tradicional. Ela é a figura da humanidade que, através do povo de Deus do A.T., gerou o Messias-Jesus. Esta mulher representa aqui a Igreja, povo de Deus, que ainda hoje deve engendrar o Reino inaugurado pelo Messias. Assunta ao céu a “Mãe do Messias” não é mãe de uma só pessoa mas a concretização da Igreja vitoriosa, novo povo de Deus, que com o Cristo será glorificada.

2ª LEITURA: *1 Cor 15,20-26.* Esta leitura ressalta a idéia da ressurreição e da vitória sobre a morte, sem a qual não teria sentido afirmar a Assunção de Nossa Senhora.

O texto não se limita à ressurreição de Cristo mas trata também de nossa própria ressurreição. Se um só foi o causador da morte, com mais razão um só pode dar-nos a vida. O primeiro é Cristo em seguida os que lhe pertencem e por fim será a restauração geral.

EVANGELHO: *Lc 1,39-56.* O magnificat é o encontro do Antigo e do Novo T., manifestação da grandeza de Deus Salvador. No canto de Maria descobrimos as maravilhas de Deus que gera numa virgem o Seu Filho.

Numa mentalidade onde gerar era sinal da bênção de Deus e onde a esterilidade e a virgindade significavam vergonha e não bênção de Deus, Deus mesmo exalta Maria “olhando para sua serva pobre”. Maria é a servidora do Senhor e o fato de se dizer bem-aventurada não é orgulho e sim expressão de sua verdadeira humildade. Bendita és Tu que acreditaste e continua a acreditar. A confiança de Maria está depositada em Deus.

COMENTÁRIO: É difícil, para um povo não solidário com os pobres, compreender a Maria do Magnificat no seu mistério de agraciada por Deus e em sua glorificação em corpo e alma.

Por Maria ter se colocado como serva, Deus revela nela a força de seu braço em favor dos pobres.

A Assunção foi para Maria aquilo que é a Páscoa no mistério de Cristo: a consumação da obra redentora e a configuração de seu corpo mortal com o corpo glorificado de Cristo e para nós antecipação da glória futura.

Antonio Aparecido Ondeí, cmf

A TODOS OS HOMENS UMA PROPOSTA DE SALVAÇÃO



1ª LEITURA: *Is 66,18-21.* Este trecho está dentro de todo o contexto pós-exílio narrado por Isaías. São dias difíceis em vista da reconstrução da comunidade judaica e somente conseguirá superar os obstáculos da reconstrução aquele que se deixar guiar pela justiça que é reflexo da presença de Javé no meio do povo.

Esta leitura é um olhar para o futuro, para a realidade nova que virá onde Jerusalém será glorificada e todos os povos da terra se farão presentes para participar deste triunfo universal de Salvação. Todos serão reunidos e a comunidade de Jerusalém será reconhecida universalmente para manifestar a glória futura de Javé em Sião.

2ª LEITURA: *Hb 12,5-7.11-13.* Deus prova aqueles que ele ama e educa porque sabe que com maus costumes e más obras não se pode optar por Deus. A correção de Deus é como um freio àquele que tem pendor para o mal. Deus age assim porque quer ver seus filhos crescer no caminho da justiça e da retidão até à salvação universal. Cristo deu exemplo em obedecer pelo sofrimento e pela cruz.

Os versículos finais trazem uma perspectiva nova: não se trata mais de simplesmente tolerar as provações e castigos, mas sobretudo de evitar o pecado de omissão diante do bem. É hora de trilhar o caminho reto.

EVANGELHO: *Lc 13,22-30.* A oferta de salvação proposta por Jesus começa a atingir os vilarejos. Pois, visto que os seus não estavam se interessando pela palavra, ele começou a exercer seu ministério em favor dos não-judeus. Aos judeus esta mensagem se tornou apelo dramático de conversão enquanto que aos pagãos foi consolo considerando os benefícios da salvação oferecida.

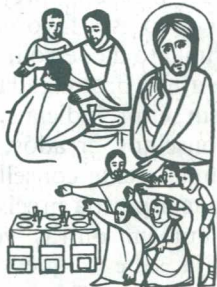
A pergunta sobre o número dos eleitos arranca de Jesus um apelo prático de salvação. Jesus apresenta três condições para pertencer ao Reino: é preciso esforçar-se, pois a porta é estreita; é preciso apressar-se, pois a porta será fechada e por fim cuidar-se para que sendo o primeiro não se torne o último. Deus manifesta aqui que sua salvação não é mesquinha e restrita embora acredite no esforço da fé vivida na caridade. Com estes requisitos qualquer um poderá participar do Reino.

Em Jesus Cristo Deus possibilitou a salvação a todos os povos, desde que o aceitem e imitem suas obras.

COMENTÁRIO: O Reino de Deus é ofertado a todos, mas Deus não é um bem adquirido de uma vez por todas. Subentende-se que, os que parecem estar mais próximos de Deus, “os primeiros”, também devem se questionar acerca da salvação. Viver as exigências do Evangelho é se interessar primeiro pelos irmãos e não adianta fazer coisas pela “religião” se o coração estiver longe de Deus e da caridade para com o próximo.

Antonio Aparecido Ondeí, cmf

O ÚLTIMO LUGAR É A NOVA REGRA PARA QUEM OPTA PELO REINO JÁ OFERECIDO AOS SERVIDORES



1ª LEITURA: *Eclo 3, 19-21.30-31.* Em primeiro lugar o texto aponta para o bom senso de ser tanto mais simples quanto mais importante for o papel que a cada um compete realizar. Em seguida dá uma receita de como encontrar esta atitude de graça diante de Deus: humildade verdadeira. O homem aceita sua realidade de

criatura de Deus e toma consciência de que só ele é poderoso e bom. Dentro de seus limites o homem acredita que grande mesmo é só o poder de Deus, mas se faz grande todo aquele que procede com sabedoria e autenticidade. A verdadeira sabedoria vem de Deus e muitas vezes entra em choque com nossas pretensões humanas. A atitude sábia e humilde só pode ser a de abertura à graça de Deus, pois, o orgulho nos incapacita de receber o dom da graça.

2ª LEITURA: *Hb 12, 18-19.22-24a.* Vemos neste trecho o grande contraste entre a antiga e a nova aliança. Aquele, lugar de terror e temor, um espetáculo pavoroso onde Deus entre fogo, tempestade e som de trombetas iria aparecer para promulgar a Lei. Diante disto os israelitas pediam a Deus

que não mais lhes falasse a não ser mediante Moisés. Na nova aliança, temos um lugar de paz e de gozo dos bens messiânicos. A manifestação de Deus em Cristo é agora acessível, menos “terrível”, porém mais comprometedor: exige-se da comunidade cristã uma vida na paz e na união entre os irmãos. A vida cristã é superior à antiga aliança que Deus fez com Israel. Não há mais porque temer pois como discípulos de Cristo, Mediador da Nova Aliança, é por meio dele que Deus se comunica diretamente com o homem.

A Jerusalém celeste é o próprio Cristo, Cidade de Deus vivo, lugar de encontro com a comunidade.

EVANGELHO: *Lc 14, 1.7-14.* Com este texto que compreende três partes: o convite a Jesus para tomar refeição em casa de fariseu, a palavra de Jesus aos convidados que disputam pelos primeiros lugares, e a exortação ao dono da casa de que a escolha dos convidados não deve ser por interesses e sim segundo a gratuidade.

Os escribas e doutores da Lei continuam apegados às leis e formalidades e Jesus se preocupa em dar-lhes uma lição de humildade. O Reino não é feito de falsas pretensões, nem para quem se considera acima dos outros. O final do texto considera a categoria de pessoas convidadas e só quem entende as palavras de Jesus: “quem os recebe, será abençoado e bem-aventurado na ressurreição dos justos”, pode ultrapassar a justiça dos escribas e alcançar o Reino.

COMENTÁRIO: Deus quer ser amigo e fazer da reunião em torno da mesa o lugar da amizade e da comunhão entre todos. Ninguém pode ser excluído de participar deste Reino e a missão de Jesus é dizer que este Reino já chegou para os mais pequeninos e desprezados.

Antonio Aparecido Ondei, cmf

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

AGOSTO — Dia 1, SEXTA: Jr 26, 1-9; Mt 13, 54-58 ou Prs: Rm 8, 1-4; Mt 5, 13-19. **Dia 2, SÁBADO:** Jr 26, 11-16.24; Mt 14, 1-12. (**Dia 3, DOMINGO**). **Dia 4, SEGUNDA:** Jr 28, 1-17; Mt 14, 13-21 ou Prs: Ez 3, 16-21; Mt 9, 35-10, 1. **Dia 5, TERÇA:** Jr 30, 1-2. 12-15. 18-22; Mt 14, 22-36. **Dia 6, QUARTA:** Dn 7, 9-10. 13-14 ou 2Pd 1, 16-19; Lc 9, 28b-36. **Dia 7, QUINTA:** Jr 31, 31-34; Mt 16, 13-23. **Dia 8, SEXTA:** Na 2, 1.3; 3, 1-3. 6-7; Mt 16, 24-28 ou 1Cor 2, 1-10a; Lc 9, 57-62. **Dia 9, SÁBADO:** Hab 1, 12-2, 4; Mt 17, 14-20. (**Dia 10, DOMINGO**). **Dia 11, SEGUNDA:** Ez 1, 2-5. 24-28c; Mt 17, 22-27. **Dia 12, TERÇA:** Ez 2, 8-3, 4; Mt 18, 1-5. 10. 12-14. **Dia 13, QUARTA:** Ez 9, 1-7; 10, 18-22; Mt 18, 15-20. **Dia 14, QUINTA:** Ez 12, 1-12; Mt 18, 21-19, 1 ou Prs: Sb 3, 1-19 ou 1Jo 3, 13-18; Jo 15, 12-16. **Dia 15, SEXTA:** Ez 16, 1-15. 60. 63; Mt 19, 3-12. **Dia 16, SÁBADO:** Ez 18, 1-10. 13b. 30-32; Mt 19, 13-15. (**Dia 17, DOMINGO**). **Dia 18, SEGUNDA:** Ez 24, 15-24; Mt 19, 16-22. **Dia 19, TERÇA:** Ez 28, 1-10; Mt 19, 23-30. **Dia 20, QUARTA:** Ez 34, 1-11; Mt 20, 1-16a ou Prs: Eclo 15, 1-6; Jo 17, 20-26. **Dia 21, QUINTA:** Ez 36, 23-28; Mt 22, 1-14 ou Prs: 1Ts 2, 2b-8; Jo 21, 15-17. **Dia 22, SEXTA:** Ez 37, 1-34; Mt 22, 34-40 ou Prs: Is 9, 1-6; Lc 1, 26-38. **Dia 23, SÁBADO:** 2Cor 10, 17-11, 2; Mt 13, 44-46. (**Dia 24, DOMINGO**). **Dia 25, SEGUNDA:** 2Ts 1, 1-5. 11b-12; Mt 23, 13-22. **Dia 26, TERÇA:** 2Ts 2, 1-3a. 14-17; Mt 23, 23-26. **Dia 27, QUARTA:** 2Ts 3, 6-10. 16-18; Mt 23, 27-32 ou Prs: Eclo 26, 1-4. 16-21; Lc 7, 11-17. **Dia 28, QUINTA:** 1Cor 1, 1-9; Mt 24, 42-51 ou Prs: 1Jo 4, 7-16; Mt 23, 8-12. **Dia 29, SEXTA:** Jr 1, 17-19; Mc 6, 17-29. **Dia 30, SÁBADO:** 1Cor 1, 26-31; Mt 25, 14-30. (**DIA 31, DOMINGO**).

NA PAZ DO SENHOR

Em São Paulo, SP, Silvanira de Oliveira Pereira aos 29/9/85. Josephina Carrilho aos 30/11/85. Leduina Rodrigues dos Santos aos 17/4/86, com 104 anos de idade. Em Jundiá, SP, José Carlos Morales aos 15/12/84.

ASSINANTES EM FESTA

Parabéns ao casal José Alves e Lídia Alves pelos 30 anos de casados. Queremos parabenizar

zar a mais nova assinante da Revista Ave Maria Rebeca de Moraes que em Rio Claro, SP, completou um ano de vida aos 25 de maio de 1986.

Queremos parabenizar o casal João Francisco de Miranda e Maria A. C. Miranda que em São Francisco do Sul, SC, no dia 21/9/86 comemoraram os seus 25 anos de vida conjugal.

AGRADECEM FAVORES

Alice Reis Rodrigues por intermédio de Santo Antônio Maria Claret. Vera Souza por intermédio de Santa Clara 3 graças alcançadas.

CONCURSO

Foi instituído em 1983 o “Prêmio Grandes Educadores Brasileiros” que se realiza anualmente. A monografia a respeito do Educador Brasileiro, já falecido, deverá ser entregue todos os anos até o dia 31 de maio para concorrer ao prêmio referido. Maiores informações: INEP — Prêmio Grandes Educadores Brasileiros — Caixa Postal 04/0366 — CEP 70312 — Brasília - DF.

O conselho

Mauro Martins Amatuzy

Aconselhar não é a mesma coisa do que simplesmente dar conselhos.

Todo mundo pode dar conselhos e pretende com isso ajudar. Mas nem sempre ajuda. E por quê? Porque freqüentemente o conselho não acrescenta nada, mas é somente uma maneira da gente se ver livre da pessoa que precisa de ajuda. É que é um pouco angustiante a gente compreender profundamente e aceitar a pessoa que traz o problema ou que está em crise. A gente então emite logo uma opinião ou dá um conselho, e com isso toma distância do caso, pensando que cumprimos nossa missão humanitária.

Mas você não pode negar que haja conselhos que ajudam. Quando eles vêm de uma pessoa experimentada, que nos compreende profundamente. Quando ele vem na hora certa e ajuda a entrever melhor uma saída, ou quando esclarece uma situação. Quando você não se sente julgado pelo conselho, mas amado. Conselho assim envolve os três níveis de ajuda: ele acolhe, esclarece, encoraja.

Podemos também pensar em outra situação. Há pessoas que gostam de deliberar conversando. Pedem opiniões a outros, não necessariamente para segui-las. Mas para com isso pensar melhor e depois tomar sua própria decisão. Essas pessoas não estão pedindo conselho no sentido de pedir uma orientação, ou de pedir que o outro assuma a decisão por elas. Conselho, aí, está significando outra coisa. Significa que a pessoa quer alguém que a ajude a pensar. Ajude a deliberar levantando pontos diversos que estão em jogo na situação. Quem está de fora às vezes vê melhor certas coisas. Ou então querem usufruir da experiência dos outros para enriquecer sua deliberação pessoal.

Essas coisas são necessárias, e a gente deve saber fazer isso, que não é lá tão fácil assim. Negar-se quando você sabe que pode ajudar, é sonegar ajuda.

Mas nem sempre é hora de conse-

lho. E nem sempre aconselhar resolve. O conselho pode criar a dependência. É você querer resolver as coisas no lugar do outro. É você acabar impedindo ao outro que viva sua vida e faça suas experiências. Se isso estiver acontecendo, você pode estar ajudando em parte, mas está prejudicando no todo. Não está favorecendo o desenvolvimento da pessoa. Num situação de ajuda prolongada, os conselhos podem ser prejudiciais. Ou porque são conselhos errados, ou porque são simplesmente conselhos, e não é disso que a pessoa precisa.

Acontece também outras vezes que a pessoa já sabe o que deve fazer, e no entanto vem lhe perguntar. O que ela quer não é exatamente aquilo que está perguntando. Ela não vê com clareza aquilo que quer de você. Ou aquilo de que está carente. Ajudá-la a discernir estas coisas é uma boa ajuda.

Outras vezes acontece que a pessoa não sabe o que fazer realmente, mas dificilmente alguém poderá saber por ela. Ela poderá descobrir melhor o que se passa com ela se for acolhida.

Acho que não se pode ter uma opinião rígida sobre o conselho. "Ele nunca é válido", ou "ele é válido". Depende do tipo de situação. Depende do modo como é feito o aconselhamento.

Aconselhar não é a mesma coisa do que simplesmente dar conselhos.

Há pessoas que sabem aconselhar muito bem. •

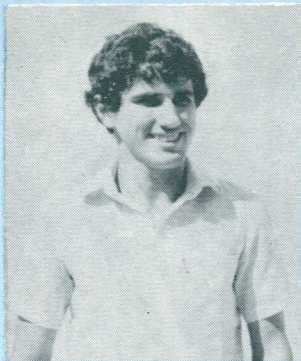


VITRI'TÁLIA

Vitrais

Vitrais Sacros - Clássicos -
Futuristas - Modernos - Restaurações (colocados)
Confeccionados em cristal e chumbo
Esmaltação à fogo
TRADIÇÃO E QUALIDADE
(atendemos também aos sábados e domingos)

Rua Paula Souza, 546 - Tel.: (011) 482.2609
13300 - Itu - São Paulo



Ser missionário. Por quê?

Se você é um jovem dinâmico e sincero que sente:

- Amor pelos pobres
- Sede de justiça
- Coragem de sofrer pelos outros
- Vontade de anunciar o Evangelho a todos
- Vontade de ser missionário
- Audácia de proclamar a verdade
- Anseio de paz entre todas as pessoas
- Amor por Deus, nosso Pai
- Zelo pela salvação de toda a humanidade
- Desejo de trabalhar por um mundo melhor

Alegre-se!

Você é um convidado por Jesus Cristo para anunciar o Evangelho. Sinta a satisfação e o contentamento daqueles que trabalham pela paz, pela justiça e pelo amor.

É Cristo quem chama.
Você está sendo convidado para ser MISSIONÁRIO CLARETIANO.

Para informações escreva para:

- Seminário Claretiano
Av. Pe. Claret, 2353
Caixa Postal 23
Fone: (0512) 73-1566
93250 Esteio, RS
- Seminário Claret
Av. Um (Fim)
Caixa Postal 136
Fone: (0195) 24-2048
13500 Rio Claro, SP
- Comunidade Claretiana
R. Bahia, 1596
Caixa Postal 2338
Fone: (031) 222-6059
30000 Belo Horizonte, MG
- Seminário S. Antônio M. Claret
R. Bueno Brandão, 495
Caixa Postal 115
Fone: (035) 421-1108
37550 Pouso Alegre, MG

Dia dos avós



No dia 26 de julho os avós têm o seu dia. Agradecemos a Deus pela vida deles, pela experiência, pela atenção, carinho e afeto que

eles têm dispensado e dispensam aos netos.

A Palavra de Deus nos orienta para o respeito e para a compreensão dos nossos avós:

*“Levanta-te diante dos cabelos brancos;
honra a pessoa do velho, e teme a teu Deus” (Lev 19,32).*

*“Os cabelos brancos são uma coroa de glória
a quem se encontra no caminho da justiça” (Prov 16,31).*

*“A honra da velhice não provém de uma longa vida,
e não se mede pelo número de anos. Mas é a sabedoria
que faz as vezes dos cabelos brancos, é uma vida pura
que se tem em conta de velhice” (Sab 4,8s).*

*“A sabedoria pertence aos cabelos brancos, a longa vida
confere a inteligência” (Jó 12,12).*

O Senhor te abençoe e te proteja!
O Senhor te mostre o seu
rosto resplandecente e seja benigno contigo!
O Senhor volte o seu olhar para ti e te conceda a paz!
Assim invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel
e eu os abençoarei. (Nm 6,24ss)



**“Bem-aventurados os que
promovem a paz, porque serão
chamados filhos de Deus”**